

A ORDEM NO CAOS

As imagens que ilustram esta e a última página são fractais, formas de dimensionar a natureza que superam a tradicional geometria euclidiana Pág.16

Jornal da UNESP

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
MAIO/97 - ANO XII - Nº 113



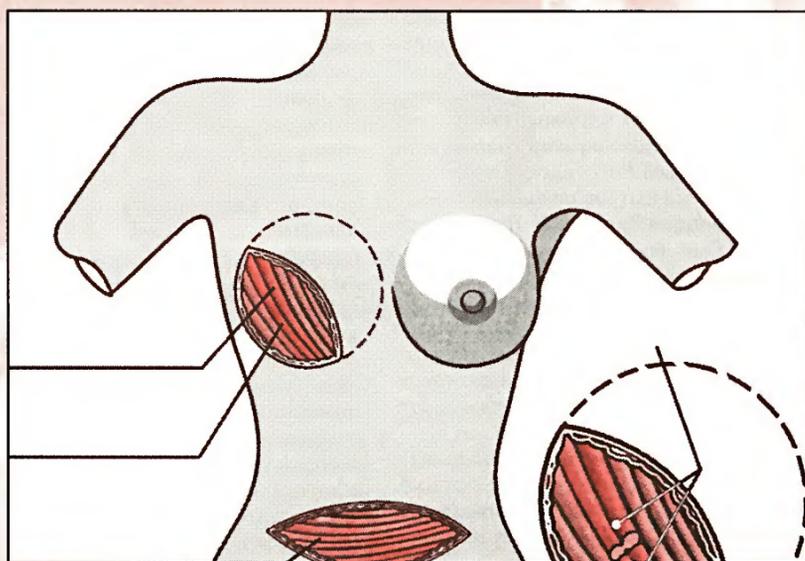
A ótica do poder

De JK (foto) a Costa e Silva, dissertação de mestrado dissecou obra de Jean Manzon, o "cineasta ufanista" Págs. 8 e 9

À flor da pele

Nova técnica cirúrgica devolve a sensibilidade aos seios que sofreram mastectomia

Pág. 7



Revolução na saúde

Beneficiando população e alunos da Medicina de Botucatu, o Projeto UNI, do diretor José Lúcio, vira fundação e ganha autonomia

Pág. 3



Miss São Paulo estuda no câmpus de Araçatuba

Pág. 14

EUA: GUERRA FRIA DÁ LUGAR A GUERRA CULTURAL

PÁG. 12

O RDIDP e os tentilhões de Darwin

REINALDO JOSÉ FAZZIO FERES



O Artigo 7º da Resolução UNESP nº 37/96, que introduz em nossa Universidade a prática da "flexibilização do RDIDP", deve ser causa de preocupações pelas consequências futuras que poderão advir de sua aplicação. É oportuno, portanto, registrar algumas delas que me vêm à mente, no único sentido de provocar uma discussão sobre esse importante assunto que, sem sombra de dúvidas, irá alterar a vida da UNESP:

1. O RDIDP (Regime de Dedicção Integral a Docência e Pesquisa) foi criado para garantir a excelência do ensino público superior, pois possibilita aos docentes optantes por este regime o pleno desenvolvimento das três funções que se obrigam a cumprir quando da assinatura de seus contratos de trabalho: ensino, pesquisa e extensão de serviços à comunidade;

2. Se atualmente os salários não mais são compatíveis com o ideal da carreira, a solução encontrada pela flexibilização do RDIDP será um mau remédio, pois tratará de camuflar sintomas, enquanto a causa do mal permanecerá oculta, obscurecida, mas ainda atuante no sentido de minar as forças da universidade pública. Ao invés de se aplicar a flexibilização do RDIDP, seria útil à universidade a tomada de providências no sentido do seu cumprimento, melhor remunerando aqueles enquadrados nesse regime. Para que flexibilizar o RDIDP se já existem devidamente regulamentados os Regimes de Tempo Parcial (RTP) e de Turno Completo (RTC)? Mais prático para aqueles que pretendem auferir ganhos financeiros fora de suas unidades, seria a opção por um desses regimes. Para os que vêem no RDIDP um regime adequado aos ideais universitários, cabe a luta pelo seu fortalecimento;

3. Será incompreensível a situação de departamentos que hoje lutam pela ampliação e manutenção de seu quadro docente, contratado em função da carga horária didática, assumirem a liberação de docentes para dedicarem 8 horas de seu tempo fora de sua unidade ou até na iniciativa privada. Essa situação deverá, sem dúvida, ser analisada quando de novas contratações, solicitadas por esses departamentos;

4. A dedicação de até 8 horas em atividades extras, fora da unidade universitária, terá influências negativas, a curto prazo, nos trabalhos de natureza acadêmica desses docentes. A LDB da educação nacional (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) determina em seu Artigo 57 que: "Nas instituições públicas de educação superior, o professor ficará obrigado ao mínimo de oito horas semanais de aulas". Um docente em tais con-

dições terá comprometidos, no mínimo, dois dias úteis da semana, restando três dias para o desenvolvimento das outras atividades exigidas pelo RDIDP. Deve-se esperar com isso a queda da produção científica, da qualidade didática e dos serviços de extensão que deverão continuar a ser mantidos na unidade. Some-se a isto o determinado pelo item III, do Artigo 52: "As universidades são instituições..., que se caracterizam por: um terço do corpo docente em regime integral", notando-se a falta do "pelo menos", que aparece no item II deste mesmo artigo, o que temos é o direito legal do governo em reduzir o quadro de docentes das universidades públicas, bem como drasticamente o de docentes em RDIDP!

5. Do ponto de vista ético, como se poderá interpretar a situação de docentes que, em pleno exercício de suas funções e titulados graças aos investimentos da universidade pública, ocuparão vagas no ensino privado, contribuindo para o maior lucro dessas instituições, uma vez que seus encargos trabalhistas estarão sendo pagos pelas suas instituições de origem? O mesmo questionamento se aplica àqueles que dedicam boa parte de seu tempo (em RDIDP) aos consultórios, clínicas, laboratórios etc.

Assim sendo, penso que a atual situação da universidade pública tem estimulado a busca de soluções imediatistas, que não contemplam o seu futuro. Lembro aqui uma citação de Saul Bellow (in: Allan Bloom, O declínio da Cultura Ocidental): "Cada vez mais as pessoas que estão 'dentro' da Universidade se parecem, nos seus apetites e nos seus intuítos, com as que estão 'fora'".

Após a vigência e aplicação desse mecanismo, gerador de ganhos extras, a universidade pública com certeza não será a mesma. Estarão abertas as portas à privatização, aos irrisórios reajustes salariais, à falência do

RDIDP, e as consequências negativas sobre o ensino e a pesquisa que deverão advir desse processo serão malévolas ao espírito acadêmico ainda vigente.

Permitam-me agora, com o intuito de exemplificar o grau de minhas preocupações, traçar um paralelo entre a flexibilização do RDIDP com um fato biológico interessante:

Os Grants (Peter e Rosemary), os maiores especialistas em tentilhões, grupo diversificado de pássaros das Galápagos, em uma das 25 visitas anuais à ilha Dafne Maior, para estudar esses famosos "tentilhões de Darwin", notaram que cerca de 12 indivíduos de um bando de aproximadamente 3 centenas de tentilhões dos cactos, cortavam o estigma de cerca de

50% das flores, quando de suas visitas matutinas em busca de néctar. As visitas eram feitas antes que as flores dos cactos desabrochassem por completo e antes da chegada de seus competidores. As flores ainda semicerradas obrigavam-nos a introduzir a cabeça em seu interior, com o risco de terem os olhos espetados pelo estigma (estrutura do órgão reprodutor feminino responsável pela recepção do pólen), maior em comprimento que seus bicos. A solução encontrada foi a mais simples e imediata, o corte dos estigmas!

Recebiam assim um prêmio pela nova estratégia, pois toda produção de néctar estava disponível a este pequeno grupo. Quando o estigma é cortado, a flor fica estéril e murcha sem que produza frutos e sementes. Acontece que os tentilhões dependem totalmente dos cactos para sobreviverem. Sem seu pólen, néctar, frutos e principalmente as sementes, eles morreriam de fome. Assim a diminuição do número de cactos tem levado à diminuição do número de tentilhões.

Parece-me possível, então, traçar o paralelo entre os estigmas cortados e as mudanças nas regras do RDIDP, assim como entre a conseqüente redução de frutos e sementes com a queda da produção didática e científica da universidade. Ampute-se o RDIDP e a produção futura será comprometida, bem como o futuro promissor da universidade pública. Esses 12 "tentilhões porcalhões", citados por Jonathan Weiner em O bico do tentilhão - uma história da evolução no nosso tempo, poderão ser os responsáveis pela extinção da própria espécie na ilha em que vivem. Como conclusão para este drama biológico, este mesmo autor registra: "A seleção natural gira em torno do lucro do indivíduo. O que é bom para o indivíduo costuma ser bom para o bando. Mas quando as necessidades individuais entram em conflito com as necessidades do bando, é o indivíduo que vence, mesmo que o seu sucesso particular leve à destruição do bando".

Extinto o bando, extinto o indivíduo oportunista. Resta-nos perguntar: vale a pena "sucesso" tão efêmero?

Enfim, não seria mais adequado buscar soluções dentro da universidade ao invés de transferir a solução de problemas salariais para a iniciativa privada? Tais soluções não seriam um atestado de incompetência para o gerenciamento de nossos poucos recursos? Não estaremos dividindo ainda mais nossas forças, neste "cada um por si"? Como será esta nova Universidade após a dispersão do nosso corpo docente, para as faculdades particulares, clínicas, consultórios etc.?

As situações irregulares que ocorrem na Universidade devem ser corrigidas e não podem constituir o parâmetro de mudanças do RDIDP, pois corre-se o risco de se justificarem as ações de desmantelamento da universidade pública. As tentativas recentes, do novo pensamento político, justificam estas preocupações.

Isto posto, é imprescindível que a Resolução UNESP nº 37/96 seja revista e que o RDIDP seja valorizado e fortalecido, para o bem e sobrevivência da qualidade do ensino público universitário.

(Modificado de manifestação sobre o Artigo 7º da Resolução UNESP-37/96, solicitada através do ofício circular nº 002/97-DTA e enviada ao Diretor do Ibilce através do ofício DZ. nº 10/97, de 20 de janeiro de 1997.)

Reinaldo José Fazzio Feres é professor assistente doutor do Departamento de Zoologia do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce) do campus de São José do Rio Preto.

unesp

Reitor: Antonio Manoel dos Santos Silva
Vice-reitor: Luis Roberto de Toledo Ramalho
Pró-reitor de Administração: Ricardo Antonio de Arruda Velga
Pró-reitora de Graduação: Maria Aparecida Viggiani Bicudo
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Fernando Mendes Pereira
Pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários: Edmundo José De Lucca
Secretária Geral: Maria de Lourdes Mariotto Haidar

Diretores das Unidades Universitárias: João César Bedran de Castro (FO-Araçatuba), Paulo Eduardo de Toledo Salgado (FCF-Araraquara), Wellington Dinelli (FO-Araraquara), Cláudio Gomide de Souza (FCL-Araraquara), José Roberto Emandes (IQ-Araraquara), Antônio Quelce Salgado (FCL-Assis), Ivan Aparecido Manoel (FAAC-Bauru), Jehud Bortolozzi (FC-Bauru), Ivan de Domenico Valarelli (FET-Bauru), Elias José Simon (FCA-Botucatu), Luiz Antônio Vane (FM-Botucatu), Sheila Zambello de Pinho (IB-Botucatu), Eunice Oba (FMVZ-Botucatu), Neide Aparecida de Souza Leffeld (FHDSS-Franca), Fernando Augusto Silva Marins (FE-Guaratinguetá), Laurence Duarte Colvara (FE-Ilha Solteira), Júlio César Durigan (FCAV-Jaboticabal), Antônio Geraldo de Aguiar (FFC-Marília), Alvanir de Figueiredo (FCT-Pre-

dente Prudente), Osvaldo Aulino da Silva (IB-Rio Claro), Silvio Carlos Brey (IGCE-Rio Claro), Wilson Maurício Tadini (Ibilce-São José do Rio Preto), José Eduardo Junho de Araújo (FO-São José dos Campos) e Regina Coeli Guedes de Souza Pinto (IA-São Paulo).

JORNAL DA UNESP

Editor chefe: José Roberto Ferreira
Editor: Paulo Velloso
Redação: Evanildo da Silveira, Oscar D'Ambrosio, Tânia Belickas e Waltair Martão
Editor de Arte: Celso Pupo
Edit. Eletrônica: Paulo Nunes Rocha
Fotografia: Monica Richter
Colaboraram nesta edição: Noélia Ipê e Sérgio

Amaral (fotografia) e Baptista, Mariza, Osvaldo e Paulo Zilberman (ilustração)
Produção: Mara F. Marcatto e Patrícia do Carmo
Revisão: Maria Luiza Simões
Pesquisa: Dedoc/Abri
Tiragem: 15.000 exemplares

Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa.

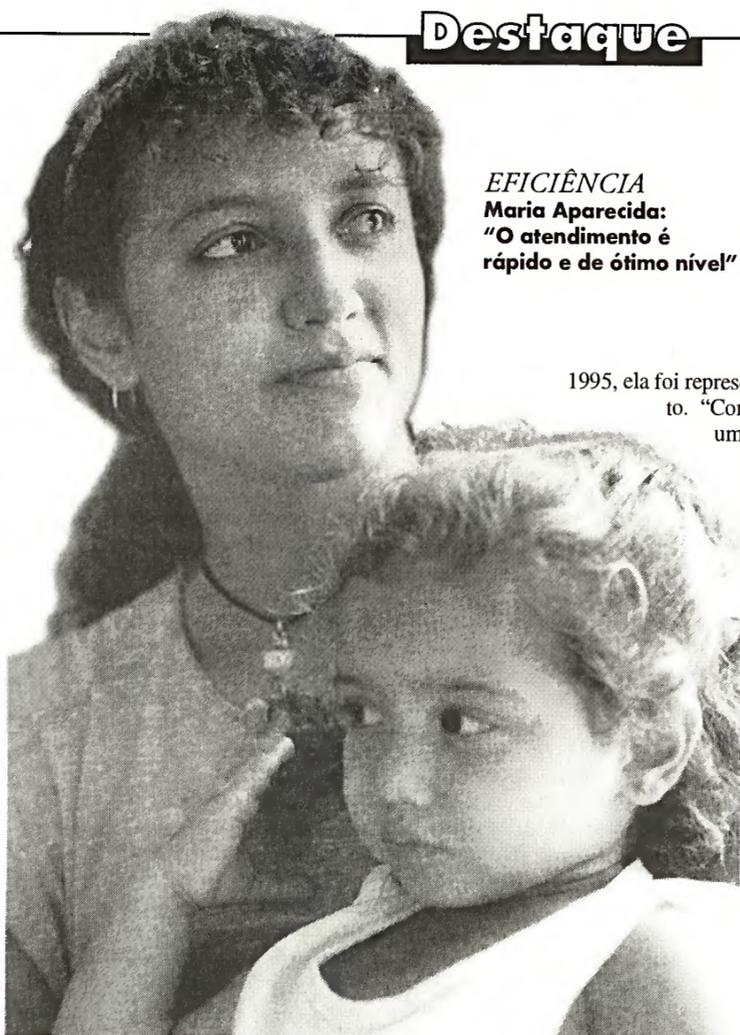
A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.
Endereço: Alameda Santos, 647, 13º andar, CEP 01419-001, São Paulo, SP. Telefone (011) 252-0323 e 252-0327. Fax (011) 252-0207.
Fotolito e Impressão: IMESP

CURRÍCULO

Rosana, da Medicina:
"Com a experiência,
adquiri uma visão
mais ampla
da profissão"

EFICIÊNCIA
Maria Aparecida:
"O atendimento é
rápido e de ótimo nível"

Postos de saúde espalhados pela cidade, atendimento médico 24 horas por dia, hospitais sem filas nem outros inconvenientes. Este serviço de saúde, disponível à população de Botucatu, é responsável direto por colocar esta cidade de 100 mil habitantes, localizada no centro-oeste do Estado, entre as 12 localidades brasileiras com melhor padrão de vida, segundo uma pesquisa da revista *Exame*, publicada em novembro de 1996. "Nossa rede hospitalar está toda informatizada, os equipamentos são de última geração e os médicos estão cada vez melhor preparados", descreve Herculano Dias Bastos, secretário municipal de Saúde e Meio Ambiente. Os botucatuenses assinam embaixo. "Sempre que minha família precisou de médicos, o atendimento foi rápido e de ótimo nível, sem precisar recorrer a outros locais", elogia a dona-de-casa Maria Aparecida Fogaça, 25 anos, referindo-se ao serviço prestado no posto de Vila Ferroviária, construído em 1995, na periferia da cidade.



1995, ela foi representante discente no projeto. "Com a experiência, adquiri uma visão mais ampla da profissão", acrescenta.

Os estudantes também ganharam maior autonomia para a discussão da didática em sala de aula, tiveram o acesso facilitado a livros e periódicos especializados do exterior, incentivo à participação em cursos de extensão e em congressos e o intercâmbio com representantes do UNI do Brasil e do exterior.

Paralelamente a esta inovação na metodologia de ensino, ocorreu um investimento pesado na melhoria do atendimento à saúde no município. Neste caso, houve uma redistribuição de tarefas. Postos de saúde foram construídos ou reformados, transformando-se em centros escolas, e passaram a receber estudantes e profissionais da faculdade. Com estes postos ficou o atendi-

mento médico em nível primário. Simples resfriados, gripes ou diarreias, responsáveis por 85% dos casos, cada vez mais deixam de ser tratados nos hospitais. Ambulatórios de diferentes especialidades e o Hospital Sorocabana, pertencente ao sindicato dos Ferroviários, também foram reequipados e hoje atendem a casos de saúde mais complicados, em nível secundário. O Hospital das Clínicas da FM, onde muitos departamentos foram reaparelhados, tem se responsabilizado prioritariamente por pacientes de risco, em nível terciário. "Diminuímos as filas nos hospitais e o atendimento melhorou", avalia Luiz Antonio Vane, diretor da FM.

Estes depoimentos retratam o sucesso do Projeto UNI, nome de uma parceria instituída em 1993 entre a Fundação Kellogg, organização não-governamental americana (veja quadro abaixo), a Faculdade de Medicina



Toda esta reestruturação conta com a parceria também da sociedade civil de Botucatu, que desde 1983 participa nas decisões na área da Saúde do município. Por intermédio de associações comunitárias, as necessidades são discutidas e colocadas para a Secretaria de Saúde e a Faculdade de Medicina. Por meio do Projeto UNI, já foram realizados 32 cursos de capacitação de lideranças comunitárias. "Fecha-se, assim, um tripé, cujos membros atuam em consonância e os resultados são mais positivos", comenta o secretário Herculano Dias Bastos.

Saúde nota 10

Fundação UNI sai do papel e consagra parceria entre Faculdade de Medicina, Prefeitura e comunidade de Botucatu

(FM) do câmpus da UNESP em Botucatu, a Secretaria de Saúde e Meio Ambiente da Prefeitura e a União das Associações e Sociedades de Amigos de Bairro do município. A cooperação entre estas instituições mudou o perfil da saúde em Botucatu e está transformando a cidade em um verdadeiro modelo para o País nesta área, tanto no que se refere ao ensino como no atendimento à população. Em fevereiro último, foi dado um passo importante para a autonomia deste projeto. O Conselho Universitário da UNESP deu seu aval para a implantação, ainda neste semestre, da Fundação UNI.

INDEPENDÊNCIA

A instalação da fundação, já aprovada também pela Câmara Municipal de Botucatu e as associações de moradores, dá a perspectiva de o projeto adquirir futuramente total independência da Kellogg, sua principal fomentadora, dando maior liberdade ao órgão para a captação de novos recursos. "Quando se encerrar o convênio com os americanos, em 1999, poderemos caminhar sozinhos", assegura o cirurgião pediátrico José Lúcio Martins Machado, docente do Departamento de Cirurgia da FM e diretor do UNI-Botucatu. Machado vê inúmeras possibilidades de obtenção de financiamentos externos, vindos, por exemplo de empresas locais e organizações não-governamentais, que garantiriam ao projeto investimentos em metodologias de ensino, pesquisas e reaparelhamento da FM e da rede hospitalar da cidade.

O projeto UNI resume-se em articular novos modelos de ensino e de atendimento à saúde. Para a concretização desta meta, houve mudanças nos currículos dos cursos de Medicina e de Enfermagem da FM, que passaram a ser mais práticos. "Estamos saindo



AUTONOMIA

José Lúcio: "Poderemos caminhar sozinhos"

Sucrilhos, saúde e educação

O projeto UNI (Uma Nova Iniciativa na Educação dos Profissionais de Saúde em União com a Comunidade) é uma atividade da Fundação Kellogg. A entidade, idealizada pelo empresário americano W. K. Kellogg, o mesmo dos sucrilhos, financia projetos nas áreas de saúde e educação em universidades dos Estados Unidos e de países da África e da América do Sul, que tenham escolas de Medicina e contemplem também cursos de Enfermagem. As verbas são re-

passadas para as faculdades, que fazem seu gerenciamento em parceria com prefeituras e associações comunitárias. No Brasil, participam do projeto as cidades de Botucatu, Marília, Londrina, Brasília, Salvador e Natal. Na primeira fase do projeto, que correspondeu à implantação das diretrizes da Fundação, foram destinados a cada cidade US\$ 1.800 mil. Em Botucatu, coube à Faculdade de Medicina a incumbência de fazer o gerenciamento deste montante.

CONSOLIDAÇÃO

A segunda e última fase do Projeto UNI-Botucatu inicia-se em 1997 com mais US\$ 900 mil da Fundação Kellogg em caixa. "Vamos consolidar, até 1999, as conquistas obtidas e disseminar o ideário do projeto, inclusive em faculdades da UNESP ligadas à área de saúde", planeja José Lúcio. Ele cita como exemplo o bem-sucedido projeto Horta Escolar e de Sombreamento, desenvolvido nas escolas públicas da cidade, que conta com a participação de estudantes dos cursos de Agronomia e de Engenharia Florestal da Faculdade de Ciências Agrômicas (FCA), com diretrizes do UNI. "Só no Estado de São Paulo existem 19 escolas de Medicina que podem perfeitamente estabelecer parcerias com a comunidade e a prefeitura usando como parâmetro os preceitos do UNI", explica José Lúcio.

Para que o planejado se concretize, serão priorizados recursos em algumas frentes de trabalho. Além da estruturação da Fundação UNI e do trabalho de divulgação, constam no cronograma o apoio a programas comunitários na área de saúde, ao desenvolvimento acadêmico da FM, com apoio de docentes do Instituto de Biociências (IB) e assessoria das Universidades de MacMaster (Canadá) e Limburg (Holanda), e a construção de um centro comunitário.

Waltair Martão

Um lugar ao sol

Estágios seguem exigências do mercado de trabalho

Conseguir estágio é um desafio. Não basta ter boa aparência, vestir-se bem e dominar inglês, espanhol e Windows 95. Com a globalização e as novas tecnologias, as empresas começaram a definir melhor o perfil do profissional que desejam. Por isso, aumentaram o nível de exigência em seus processos de seleção. Provas de conhecimentos gerais, de redação e interpretação de textos, dinâmicas de grupo, entrevistas e testes psicológicos são as formas mais utilizadas na busca por futuros profissionais que sejam dinâmicos, preparados para mudanças e cheios de iniciativa.

A busca de um estágio costuma começar nos murais da faculdade, onde o estudante pode encontrar ofertas de vagas em empresas. Outro caminho é participar de iniciativas mais modernas, como a da agência de propaganda DM9, de São Paulo, que criou uma prova *on line*. Ou, ainda, entrar em contato com instituições que realizam a ponte entre os estudantes e o mercado de trabalho. Uma delas, o Centro de Integração Empresa Escola (CIEE), também na Capital, constatou uma significativa mudança no perfil dos recrutadores na última década. Gerente-adjunta de desenvolvimento da empresa, Sylvana Rocha acredita que o estágio passou a ser visto como uma forma de investimento, não como um subterfúgio para obter mão-de-obra barata. "Consideram o estudante não só um futuro funcionário, mas um provável cliente ou fornecedor. Enfim, um parceiro nos negócios."

NORMAS

A UNESP não poderia ficar alheia a essa transformação no universo dos estágios. Até 1996, eles vinham sendo realizados nos vários cursos da instituição sem qualquer normatização por parte da administração central. A elaboração do projeto para regulamentação geral dos estágios curriculares, que se transformou na Resolução UNESP nº 36, de 07/08/96, mudou isso. "Agora, as diretrizes atingem todos os cursos que apresentam estágios estabelecidos



em suas estruturas curriculares, sejam bacharelados ou licenciaturas", informa a professora Maria Aparecida Viggiani Bicudo, pró-reitora de Graduação.

De acordo com a resolução, os estágios curriculares têm por objetivo articular a formação ministrada no curso com a prática, qualificando melhor o aluno, profissional e eticamente, para o desempenho de sua profissão. A veterinária Julieta Rodini Engrácia de Moraes, assessora Técnica da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd) e coordenadora do projeto "Estágios Supervisionados", realizado pela Prograd em parceria com a Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários (Proex), ressalta a importância do estágio. "É uma forma de inserção profissional do aluno perante as necessidades do atual mercado de trabalho."

Ex-presidente e atual membro da Comissão de Estágio de Graduação do Curso de Medicina Veterinária da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV), câmpus da UNESP em Jaboticabal, Julieta tem uma experiência de sucesso na área. Desde o segundo semestre 1977, o curso desenvolve planos de estágio em que cada aluno é acompanhado por um orientador, oriundo da FCAV, e um supervisor, não pertencente ao mundo acadêmico. Há ainda um acompanhamento mensal e um exame perante uma banca. "O estágio dura cinco meses, gerando uma integração entre a universidade e a comunidade", explica.

A situação ideal durante o estágio seria o amadurecimento do aluno como profissional, enquanto a universidade avalia seus graduandos e a sociedade recebe os benefícios dessa integração. Por essa ótica, a perspectiva da UNESP é avançar no sentido de melhor organizar e normatizar os estágios para facilitar a elaboração de acordos de mútua colaboração da Universidade com empresas e outras instituições. Para isso, é necessário um esforço conjunto entre a Prograd e a Proex. "Um trabalho articulado pode trazer grandes resultados", afirma a professora Maria Aparecida Bicudo.

Secundaristas, na mira do MEC

Como os universitários, os estudantes de 2º grau serão avaliados

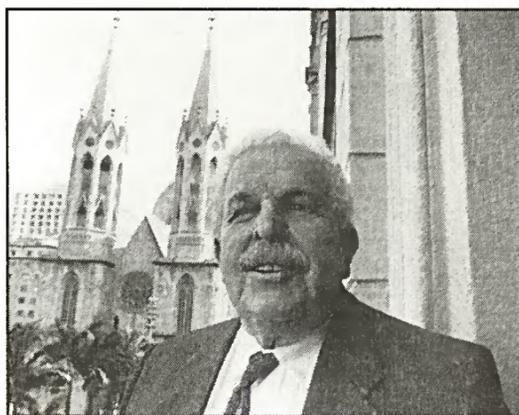
Depois dos estudantes dos cursos superiores, agora é a vez de os alunos do ensino médio passarem por uma prova de avaliação. O Ministério da Educação e do Desporto (MEC) está preparando o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que deverá ser aplicado em agosto, aos estudantes, no final da 3ª série do Ensino Médio, de todo o País — provas também serão realizadas no final das 4ª e 8ª séries do Ensino Fundamental. Como preparativo para a elaboração do exame, o MEC realizou, nos dias 16 e 17 de abril último, em Brasília, um seminário sobre a prova, para o qual foram convidados pró-reitores de todas as universidades brasileiras.

A representante da UNESP, a pró-reitora de Graduação, Maria Aparecida Viggiani Bicudo, gostou da proposta do MEC. Ela conta que foram apresentadas Matrizes de Referência — espécie de modelos que especificam os temas e os tópicos a serem contemplados na avaliação — de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Física, Química e Biologia, além de outras áreas. "Estão muito bem elaboradas", elogia Bicudo. "As matrizes apontam o que essas provas avaliarão e, por conseguinte, o que deverá ser ensinado no Ensino Médio."

Na opinião da pró-reitora, a proposta do MEC apresenta uma visão global da Ciência, que enfatiza os tópicos mais importantes a



Fotos: Monica Richier



PROVÃO
Maria Bicudo e Carlos Vanni: os exames farão um diagnóstico da qualidade do ensino médio

serem avaliados, e privilegia a construção do conhecimento e a aquisição de habilidades. "Se esse trabalho for efetivamente colocado em prática, contribuirá decisivamente para a formação dos alunos, em termos de conhecimento, para exercerem sua cidadania e, se quiserem, continuar sua educação num cur-

so superior", aposta Bicudo. "Além disso, a médio prazo, as avaliações efetuadas poderão ser incorporadas ao processo de seleção dos candidatos às universidades, conforme a constatação de sua eficácia."

O presidente da Fundação Vunesp, Carlos Felício Vanni, também vê aspectos positivos

na proposta do ministério. "A instituição do ENEM mostra que o MEC está realmente preocupado com a qualidade do ensino de 2º grau", diz. "Não há outro meio de fazer um diagnóstico da qualidade do ensino a não ser por meio da avaliação dos estudantes. É o único recurso de que pode dispor para corrigir rotas, refazer objetivos e verificar se os atuais estão sendo atingidos."

Carlos Vanni só tem restrições quanto à utilização dos resultados do exame como um dos meios de ingresso nas universidades. "Esse é um problema mais complicado. Fica difícil saber que critérios adotar para usar o ENEM com exame de ingresso no ensino superior", ressalva. De acordo com o presidente da Vunesp, algumas universidades, por precaução já tomaram posição de não usar os resultados do ENEM como meio de seleção para ingresso nos seus cursos. "O vestibular existe desde 1911 e é o veículo mais democrático para o acesso à universidade", assegura. Vanni e Bicudo lembram que a universidade tem autonomia para decidir sobre isso e cada uma traça o perfil do aluno que quer ter e a forma de selecioná-lo.



Na medida certa

A calibragem correta dos pneus do trator aumenta a produtividade

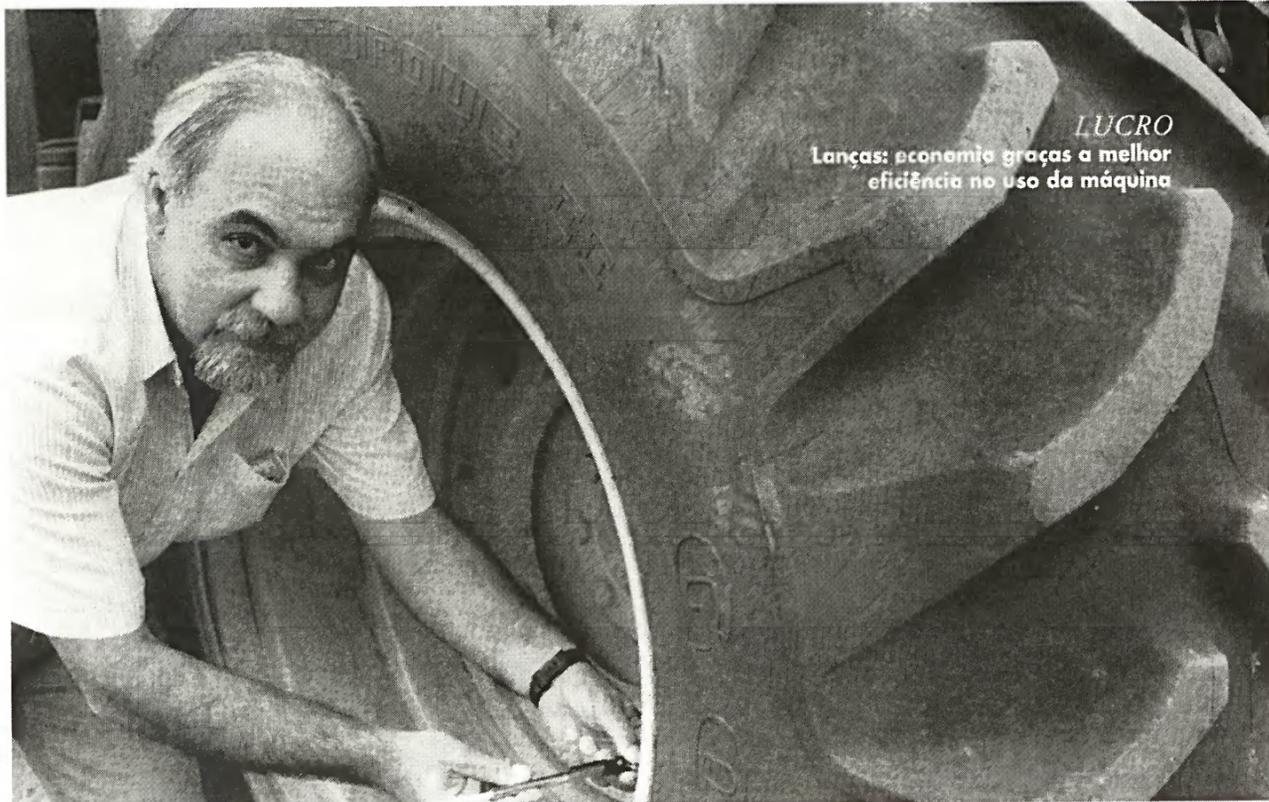
Quando se pensa em investir numa produção agrícola, todos se lembram da qualidade das sementes, das condições de plantio e da irrigação. Poucos, todavia, incluiriam nesta lista a calibragem correta dos pneus do trator. Foi o que fez Kléber Pereira Lanças, professor do Departamento de Engenharia Rural da Faculdade de Ciências Agrônômicas (FCA), câmpus da UNESP em Botucatu. "Sem custos adicionais, o agricultor pode melhorar a conservação de seu solo e obter economia graças a uma melhor eficiência no uso do trator", explica o pesquisador.

A calibragem correta de pneus radiais em tratores traz numerosas vantagens. "Há possibilidade de economia de até 20% de combustível e de aumentar a área trabalhada quando se infla o pneu com a pressão correta", ensina Lanças. Há ainda outros benefícios em trabalhar com os pneus adequados. O tratorista gasta menos tempo ao volante e a produtividade cresce de 5 a 7%. "A compactação do solo pode ser 100% menor quando as baixas pressões são utilizadas, favorecendo a germinação de sementes", informa o especialista.

Ao comprovar, com testes de campo, que pneus radiais muito cheios desperdiçam combustível e reduzem a produtividade, Lanças ganhou destaque internacional. Suas conclusões foram divulgadas num artigo publicado na edição de março/abril de 1996 da revista *California Agriculture*, da Universidade da Califórnia. "O objetivo desse estudo foi quantificar os benefícios de utilizar calibrações baixas e corretas em pneus radiais de tratores sob as condições típicas da agricultura na Califórnia."

TABELAS

Criador de tabelas com a calibragem ideal dos três tipos mais comuns de pneus radiais para tratores, Lanças mostra em seu



LUCRO
Lanças: economia graças a melhor eficiência no uso da máquina

trabalho como valores de pressão mais baixos obtêm eficiências mais altas no desempenho do trator. "Mas, por tradicionalismo e devido ao preço mais baixo, a maioria dos agricultores brasileiros ainda utiliza os pneus com riscado diagonal, embora os radiais ofereçam melhores resultados."

Com a utilização da pressão adequada, maiores áreas de contato do pneu com o solo são obtidas e isso gera maior capacidade de tração

do trator em relação aos pneus muito inflados. "O uso de pneus radiais com baixa pressão também diminui o efeito das vibrações e saltos, o chamado corcoveio, que os tratores com tração nas quatro rodas podem apresentar quando solicitados em grandes esforços de tração", esclarece o docente da FCA.

Lanças publicou, em setembro de 1994, nos EUA, em parceria com Shirini K. Upadhyaya, da Universidade da Califórnia, um

guia para a seleção correta de pneus. "O trabalho teve muito boa saída e repercussão", celebra. Recentemente traduzido para o português e editado com o título *Pneus Radiais Para Tratores: Guia Para Seleção Correta da Pressão de Inflação*, o documento foi publicado pelo curso de pós-graduação em Agronomia, área de Energia na Agricultura do Departamento de Engenharia, da FCA. Maiores informações pelo telefone (014) 821-3883.

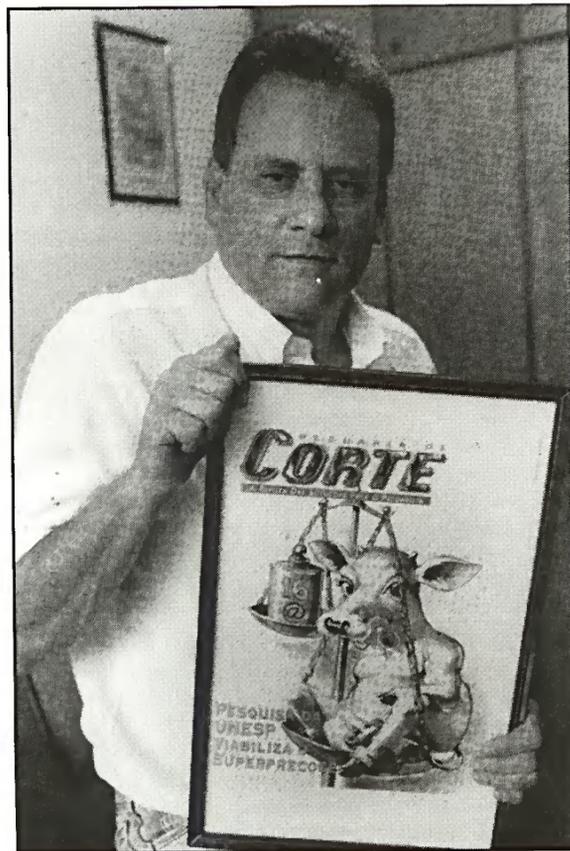
Vem aí o supernovilhão

Tecnologia reduz tempo de abate do animal de quatro para um ano

TECNOLOGIA
Silveira: o retorno do capital aumenta e a qualidade da carne melhora

Com a moeda estável, a especulação na pecuária de corte caiu praticamente a zero. A melhor forma de ganhar dinheiro passou a ser investir em tecnologia e eficiência. O segredo está em obter resultados cada vez melhores em menor espaço de tempo. Por isso, quanto mais rápido o animal estiver pronto para o abate, melhor. Isso não deve significar, porém, uma queda na qualidade.

Nessa conjuntura, reduzir o tempo de abate do novilhão é essencial. Um novilhão comum



é abatido aos quatro anos, mas, graças a uma parceria entre o Departamento de Melhoria e Nutrição Animal da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ), câmpus da UNESP em Botucatu, e a Nomurabrás - Instituto de Desenvolvimento Agropecuário (IDAP), em Perdizes (MG), esse tempo caiu para um ano. "O retorno de capital aumenta quando o animal novo é abatido", informa Antonio Carlos Silveira, professor da FMVZ e coordenador do projeto, desenvolvido há seis anos. "O importante é que as especificações dos frigoríficos, um peso médio de 16 arrobas, cerca de 240 kg, são mantidas", orgulha-se.

O animal vai direto do desmame, após sete meses, para o confinamento. Lá fica os 150 dias anteriores ao abate. Com isso, a qualidade da carne é muito melhor, permitindo a competição no mercado interno e no externo, principalmente em relação ao rebanho da Argentina. "O couro também é de extrema qualidade, pois não tem riscos ou parasitas adquiridos pelos animais que ficam livres no pasto", informa Silveira. Os poros finos dos animais jovens também permitem que o couro seja mais esticado, o que favorece os frigoríficos, que compram o animal por peso, mas vendem o couro pela metragem. "O couro é utilizado para fabricar bolsas e calçados, concorrendo também com o produto argentino."

TÉCNICAS

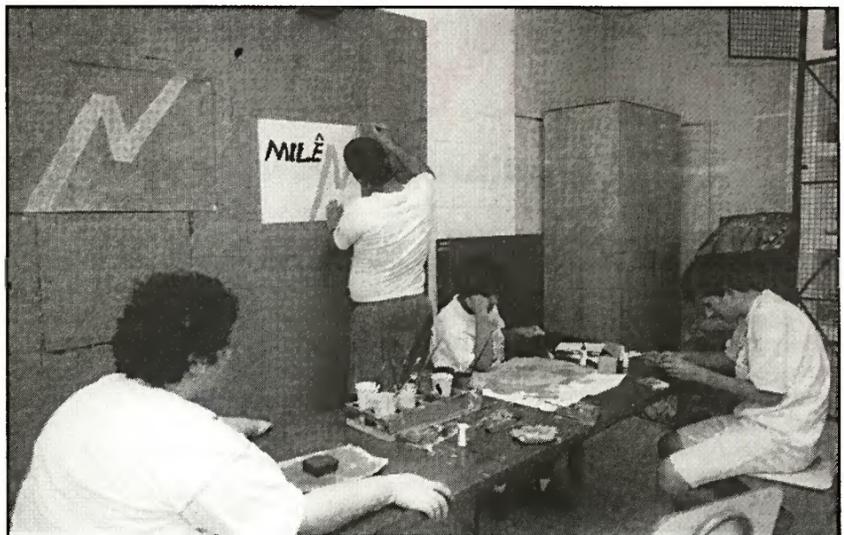
O projeto está atualmente em andamento em fazendas das cidades de Araxá (MG), Itapetininga (SP) e Ponta Grossa (PR). "O ponto inicial do processo de criação do novilhão superprecoce está na escolha das raças para compor os cruzamentos", explica Silveira. Uma fêmea nelore nacional é cruzada inicialmente com um animal de linhagem inglesa. Os machos são então abatidos com um ano e as fêmeas têm as primeiras crias antes de dois anos. São então cobertas por outras raças européias e geram novos novilhos, todos abatidos. "A busca pela melhor qualidade é contínua", informa o pesquisador.

O segundo elemento essencial para a produção do superprecoce é o *creep feeding*, suplementação alimentar que tem por finalidade não interromper o crescimento dos bezerras, o que normalmente ocorre após dois meses de idade devido à queda na produção leiteira da mãe. O sistema otimiza o crescimento muscular e ósseo, viabilizando que o novilhão alcance maior peso no desmame. "Deve ser então oferecido um concentrado que apresente um valor nutritivo similar ao leite materno", esclarece Silveira.

Uma outra vantagem do método é o lucro líquido que o superprecoce oferece. Enquanto o novilhão normal nem chega a R\$ 40,00 por cabeça, o produzido pela equipe da UNESP propicia um lucro de até R\$ 100,00 por cabeça. "Desse modo, o sistema de produção do novilhão precoce possibilita o abate de animais com um ano de idade, com carne de qualidade superior, aumenta a fertilidade da matriz e antecipa a primeira parição nas fêmeas devido ao maior peso delas no desmame", conclui Silveira. O projeto, mesmo sem muita sofisticação, propicia técnicas viáveis de serem aplicadas mesmo em áreas difíceis para a criação bovina, como os cerrados, presentes em grande parte do território nacional.



SURPRESA
Agnes e Lazslo, com a garota Flávia: tratamento precoce traz bons resultados



ARTES PLÁSTICAS
Unidade Escolar do Autista: técnicas e métodos especiais de educação

Dentro do nosso planeta existe um mundo à parte. Nele vivem cerca de 28 milhões de pessoas que não se relacionam, não usam linguagem, agem com movimentos restritos, estereotipados e repetitivos. Elas desenvolvem uma carapaça praticamente intransponível, que tanto as protege do mundo exterior, como se constitui em uma barreira no acesso à realidade. Isso faz com que suas portas se mantenham sempre fechadas para novas experiências. É neste lugar que vivem os autistas.

Definido como uma síndrome comportamental, o autismo é um distúrbio de desenvolvimento que afeta a comunicação, o comportamento e a interação social do indivíduo. Sem cura conhecida, integra a categoria dos transtornos invasivos do desenvolvimento, juntamente com psicoses infantis e outros distúrbios mentais. Apesar de ser estudado há mais de meio século, ainda é um mistério para a ciência. Não se sabe, por exemplo, sua causa ou por que, em algumas pessoas, a síndrome se manifesta por uma falha genética e, em outras, por problemas emocionais ou neurológicos. Desconhece-se também o motivo pelo qual dois terços dos autistas são do sexo masculino.

Um trabalho pioneiro no Brasil está ajudando a se alcançar algumas respostas. Uma equipe multidisciplinar, formada por pesquisadores de diversas instituições, está estudando, em nível genético e comportamental, autistas que freqüentam a Unidade Escolar do Autista "Maria Lúcia de Oliveira", de São José do Rio Preto, local que funciona em sistema clínica-escola.

O estudo, iniciado em 1995, abrange as áreas de Psicologia, Psiquiatria, Pedagogia, Fonoaudiologia, Neurologia, Artes Plásticas e Genética, esta última a cargo da geneticista Ana Elizabete Silva, do Departamento de Biologia do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce) do câmpus da UNESP daquela cidade, e da geneticista Agnes Cristina Fett-Conte, da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (Famerp). Participam ainda Jucimara Colombo, estagiária de Iniciação Científica, e o mestrando Marcos Estécio, ambos do instituto.

SINTOMAS

"Nosso objetivo é investigar detalhadamente fatores clínicos, genéticos e ambientais que possam esclarecer as causas e buscar possíveis tratamentos para esse distúrbio", explica a professora Ana Elizabete. Os resultados da pesquisa serão revertidos para os programas de terapia dos indivíduos e aconselhamento das famílias. "Queremos também auxiliar os pacientes e suas famílias a romperem a barreira entre o seu mundo e o da convivência familiar e social." Calcula-se que, na cidade, existam 450 indivíduos autistas.

O autismo não escolhe família, raça nem classe social. Não apresenta altera-

Nos limites de si próprio

Com um comportamento fora dos padrões convencionais, o autista desafia a ciência

ções físicas aparentes. Foi descrito pela primeira vez em 1943, pelo cientista austríaco Leo Kanner, baseado na observação de sintomas que se manifestam após o nascimento até os três anos de idade. O autista se caracteriza por uma série de sintomas, alguns deles associados a outros problemas mentais, o que, muitas vezes, prejudica o diagnóstico inicial. Não conversa, esperneia com simples mudanças de rotina, não se mistura com outras pessoas, é hiperativo, às vezes até agressivo, passa horas repetindo os mesmos movimentos e não mantém contato com os olhos. Estatísticas internacionais indicam que, a cada dez mil pessoas, cinco apresentam autismo. Quanto a

sua provável origem, pode ser enquadrado em três categorias básicas: psicodinâmica (desencadeado por traumas psíquicos), orgânica (motivado por lesões neurológicas) ou genética.

A pesquisa de Ana Elizabete e Agnes visa a investigação genética-clínica, citogenética e molecular dos pacientes para a detecção de causas genéticas relaci-



GENÉTICA
Elizabete: pesquisa para estabelecer um padrão de herança

onadas à doença do indivíduo. Todos os pacientes estão sendo avaliados quanto à ocorrência de anomalias cromossômicas constitucionais e polimorfismos cromossômicos. Com isso, será possível auxiliar no diagnóstico, estabelecer um nível de ocorrência e fazer um aconselhamento genético mais eficaz. Até o estudo dos membros da família pode estabelecer um possível padrão de herança e risco de recorrência. "Se há alguém na família com a síndrome, os pais precisam saber quais as chances de um futuro filho também ser um autista", comenta Ana Elizabete.

O estudo se baseia na análise de possíveis alterações cromossômicas. O cromossomo é a estrutura contida no núcleo da célula, que apresenta o material genético (DNA). A partir do cultivo de linfócitos (células sanguíneas) dos pacientes é possível verificar alterações cromossômicas que expliquem por que uma pessoa é autista. "O autista pode ter diferentes alterações cromossômicas que levem à doença", diz Ana Elizabete. Segundo a geneticista, a mais comum é o chamado sítio frágil do cromossomo "x", relacionado com a síndrome do "x frágil", principal causa de retardo mental hereditário às características sexuais. "Sete por cento dos autistas apresentam a alteração." O cromossomo 15, relacionado aos neurotransmissores, também tem apresentado alterações. Até agora, foram estudadas 15 crianças da escola e algumas delas apresentaram alterações cromossômicas.

INTEGRAÇÃO

Consideradas, durante muito tempo, como não educáveis, as crianças autistas encontram hoje diversas instituições (veja quadro) que aplicam técnicas e métodos especiais para educá-las e integrá-las à sociedade. Na escola de Rio Preto, por exemplo, é seguido um programa que visa o diagnóstico, o tratamento, a orientação e o planejamento e testes de terapias alternativas, além de prevenção. Cerca de 40 autistas, entre 4 e 29 anos, recebem, de acordo com seus limites, aprendizagem escolar básica, incluindo atividades de artes plásticas, música e hidroterapia, e ganham relativa autonomia em relação a ações do dia-a-dia, como higiene, segurança, alimentação e convivência, necessárias para a sobrevivência e adaptação social.

"Qualquer tratamento deve se iniciar o mais rápido possível, para que as chances de progresso sejam maiores", comenta o psicólogo Lazslo Ávila, coordenador clínico da escola, que também promove encontros com os pais. Um exemplo de que este trabalho pode surtir efeitos bastante positivos, é a garota Flávia, 18 anos. Ela surpreendeu os especialistas quando passou a trabalhar como auxiliar em um salão de cabeleireiros. "Era apenas uma experiência, mas ela se deu tão bem no ofício e passou tanta confiança que agora foi efetivada no emprego", comenta Lazslo.

Waltair Martão

Orientação especializada

Criada em 1983, a Associação dos Amigos do Autista (AMA) é a primeira instituição do gênero no País. Baseando-se em um método educacional americano, busca desenvolver potenciais em crianças, auxiliando-as a aprender ofícios, melhorar seu relacionamento com outras pessoas. "Queremos chegar ao ponto em que o autista tenha uma vida menos dependente e possa, por exemplo, freqüentar uma escola comum", comenta Marisa Furia Silva, superintendente da AMA.

De acordo com Ana Maria Mello, diretora da AMA e diretora técnica da Associação Brasileira dos Amigos do Autista (ABRA), os pais devem se conscientizar de que, diante de qual-

quer anormalidade, devem procurar orientação em escolas e outras instituições especializadas. "Assim, o quadro da doença não piora e os progressos podem ser maiores," justifica. A própria Ana Maria é mãe de um autista, Guilherme, de 14 anos.

Infelizmente, a AMA está no rol das entidades que dependem da colaboração de prefeituras, pessoas e instituições particulares para sobreviver. Quem quiser contribuir ou ter outras informações, pode ligar para (011) 270-2363 e 242-8822. O telefone da ABRA é (061) 225-3307, em Brasília. Em São José do Rio Preto, a Unidade Escolar do Autista pode ser contactada pelo telefone (017) 233-0835.



Sensibilidade à flor da pele

Técnica de cirurgia devolve as sensações aos seios mastectomizados

Há poucos fatos mais traumáticos para a mulher do que a perda de um seio. A retirada da mama — realizada com uma cirurgia tecnicamente conhecida como mastectomia — tem como causa mais corriqueira o câncer. É algo mais comum do que se imagina (*leia quadro*). A mutilação afeta a sensualidade e a sexualidade da mulher, joga sua autoestima no chão e traz consequências que só quem passa pela experiência pode avaliar. Até há pouco tempo, só havia soluções atenuantes: a reconstrução da mama, por um cirurgião plástico, resolvia o problema estético, mas não o funcional e nem o psicológico. A nova mama ficava sem sensibilidade.

Isso está mudando. Uma técnica desenvolvida pelo chefe do Departamento de Cirurgia Plástica da Faculdade de Medicina, câmpus da UNESP em Botucatu, Fausto Viterbo, está revolucionando a cirurgia nessa e em outras áreas. Trata-se da *neurorrafia término lateral*, desenvolvida por Viterbo durante sua tese de doutorado em 1992. Ela permite, ao contrário de outras técnicas de reinervação, a recuperação de um nervo lesionado sem prejudicar um sadio.

OVO DE COLOMBO

A nova técnica é uma espécie de ovo de Colombo na cirurgia de nervos periféricos. Viterbo e sua equipe descobriram que basta encostar um nervo sadio na face lateral de outro doente para que se consigam novas fibras nervosas. "Ao se fazer isso, ocorre um entrecruzamento de fibras ner-

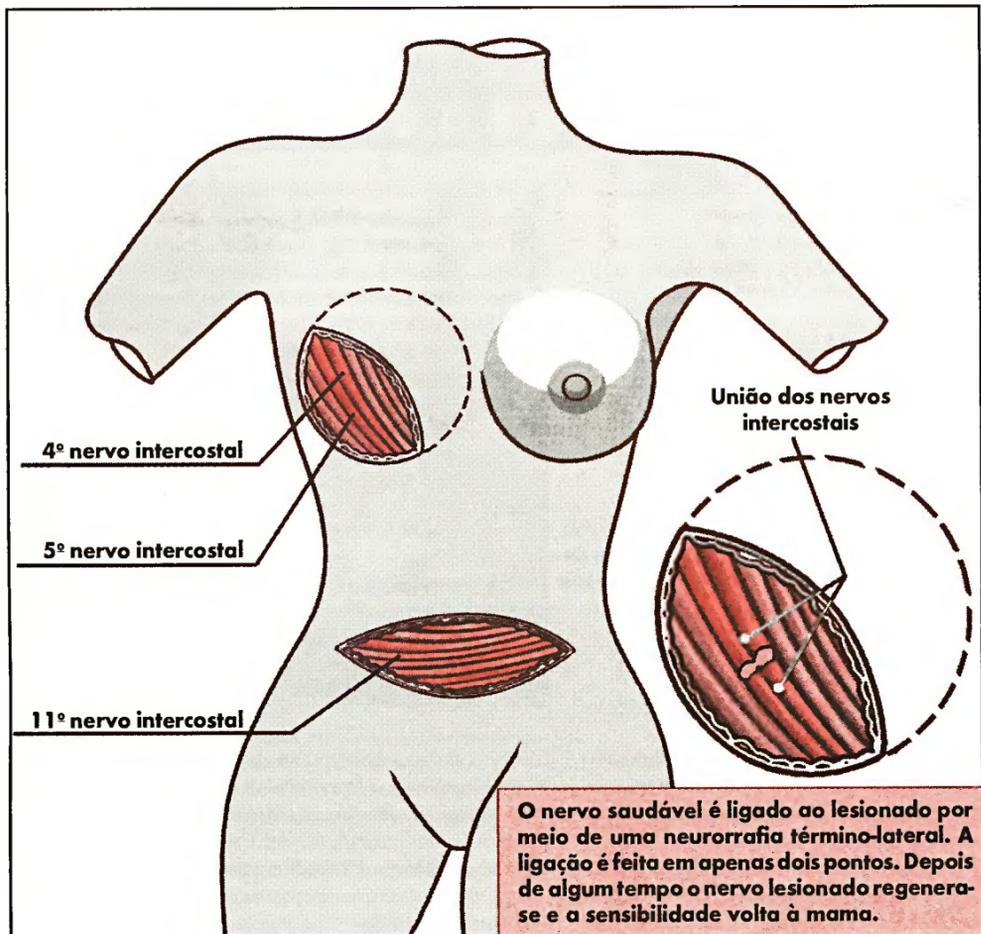
vosas entre os dois, restabelecendo a passagem de estímulos elétricos", explica Viterbo. "Com a técnica antiga era necessário cortar um nervo sadio para emendar ao doente." No princípio, a nova técnica era usada apenas para cirurgias corretivas de paralisia facial e plexo-braquial (lesões que atingem os nervos do ombro e do pescoço, muito comuns em quem se acidenta de moto, por exemplo).

O cirurgião plástico Léo Doncatto, do Hospital Escola Presidente Vargas, de Porto Alegre, mudou tudo isso para melhor. Ele é o pioneiro no mundo na técnica de reconstituição mamária com restituição da sensibilidade. O cirurgião gaúcho aproveitou o procedimento desenvolvido pelo pro-

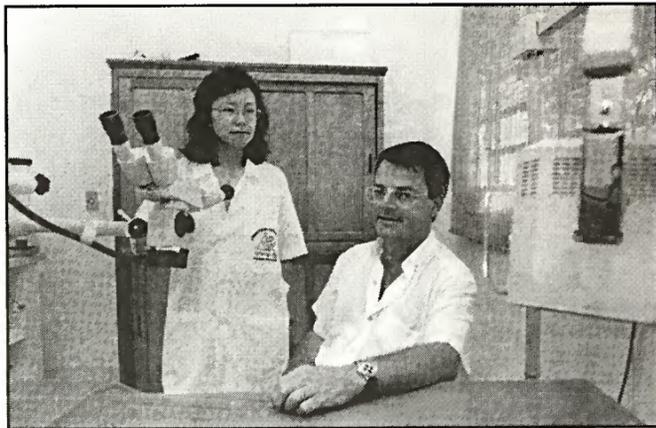
fessor da UNESP para dar sensibilidade às mamas reconstruídas pelos métodos tradicionais. "A cirurgia que inventamos consiste em uma *neurorrafia (costura) término lateral* de um ou de ambos os décimos primeiros nervos intercostais abdominais presos ao retalho abdominal (a parte que retiramos do abdômen para reconstruir a mama) com o quarto ou quinto nervos intercostais torácicos (*veja ilustração*)."

PRAZER SEXUAL

Com esse método, aplicado a partir de 1995, a mama reconstruída plasticamente passa a ter a sensibilidade de um seio natural. "A mulher volta a ter todas as sensações, inclusive o prazer sexual", ga-



Cavaldo



Fotos: Monica Richier

NEURORRAFIA

Viterbo: recuperação de nervo lesionado

rante Doncatto. E não são poucas as mulheres que podem ter essa nova sensação. O médico gaúcho já realizou 102 cirurgias desde que passou a aplicar a técnica, em 1995. "É o maior número de casos realizados por um cirurgião registrado na literatura médica", orgulha-se Doncatto. "E o sucesso é inegável: 83% das pacientes que operei voltaram a sentir o seio entre o quarto e o oitavo mês depois da operação. Na cirurgia tradicional, esse índice não passava de 12%."

Para que essa cirurgia tenha o melhor resultado, os médicos recomendam que ela seja feita junto com a mastectomia. É o contrário do que é normalmente feito. A maioria dos especialistas sugere que a mulher espere algum tempo para fazer a reconstrução da mama", diz Viterbo. "Isso não é o ideal, no entanto." Doncatto, por exemplo, recomenda que as operações sejam feitas ao mesmo tempo. "Assim evita-se o estresse e o desgaste da perda de um seio e a qualidade de vida da paciente é melhor", explica Doncatto. "Isso impede que a mulher se sinta mutilada."

Evandilo da Silveira

Triste campeão

O câncer de mama é o mais freqüente em incidência e o que mais mata mulheres no Brasil. Um estudo realizado pelo Instituto Nacional do Câncer (INCA) mostra que 9,13% das mortes entre as mulheres são devidas a essa doença. O órgão estima ainda que 38,08 dos novos casos de câncer que serão registrados em 1997 vão ser de mama.

A principal causa para a alta incidência desse tipo de câncer se deve à falta de exames preventivos. Uma pesquisa encomendada pelo INCA ao Ibope, em 1994, revelou que, apesar de 76% das mulheres entrevistadas já terem ouvido falar sobre o exame preventivo, apenas 30% delas já o tinham feito mais de três vezes na vida. Números semelhantes foram encontrados em relação ao auto-exame das mamas. Embora 78% das entrevistadas já tivessem ouvido falar do exame, apenas 43% sabiam realizá-lo corretamente, mas só 14% o faziam regularmente.

Para melhorar esses índices e diminuir o número de mortes, o INCA está implantando em cinco cidades-piloto — Rio de Janeiro, Curitiba, Belém, Recife e Brasília — o programa Viva Mulher, que tem por objetivo examinar 500 mil mulheres na faixa etária entre 39 e 45 anos. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) com apenas um exame nessas mulheres o Brasil poderá reduzir em 50% o número de mortes anuais. Depois dessa fase, dentro de dois anos, o Viva Mulher se estenderá por todo o país com a meta de examinar 12 milhões de mulheres. Se o governo conseguir examinar 85% dessas 12 milhões, o número de mortes deverá cair em 90%.

A vida da dona-de-casa Idalina Modesto Silvestre, 38 anos, teve duas grandes guinadas. Numa delas ela foi ao fundo do poço e chegou a pensar que a vida não valesse a pena. Na outra, voltou à tona e recuperou a alegria de viver. A primeira reviravolta aconteceu há quatro anos, quando Idalina descobriu que tinha um câncer na mama e precisou retirá-la, por meio de uma mastectomia.

A partir daí, por três anos, sua vida não foi mais a mesma. "Foi horrível", recorda. "Minha vida mudou completamente. Me afastei dos amigos, abandonei a piscina, a sauna. Vivía trancada em casa. Só saía para ir ao trabalho, numa empresa onde desempenhava as funções de segurança e recepcionista." Ela con-

Do poço ao paraíso

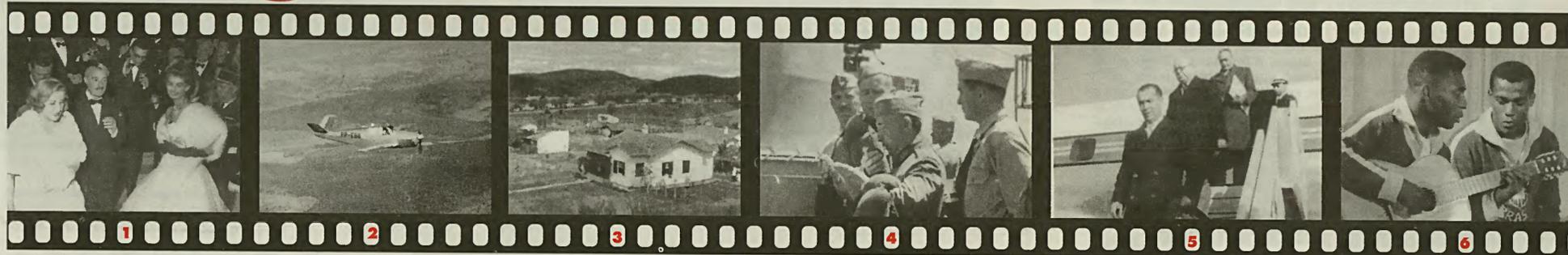


Idalina: "recuperei a sensibilidade"

fessa que se não tivesse contado com o apoio do marido, o mecânico Jair Domingos Silvestre, 36 anos, e da filha, Priscila, de 11 anos, teria entrado em desespero.

A outra grande mudança em sua vida aconteceu em março do ano passado, quando ela resolveu se submeter a uma cirurgia de reconstrução da mama, com o cirurgião plástico Fausto Viterbo, da Faculdade de Medicina do câmpus da UNESP em Botucatu. Ele aplicou a técnica que desenvolveu e a operação foi bem-sucedida. "Em dois meses, eu já havia recuperado a sensibilidade no seio", conta Idalina. "Hoje tudo voltou a ser como era antes. É como se eu não houvesse retirado a mama há quatro anos. Agora levo uma vida normal."

Imagens sob encomenda



Através de suas lentes, o cineasta Jean Manzon traduzia o espírito de um Brasil que sonhava ser potência mundial

HÉRCULES
Luiz Nars: 50 filmes, pilhas de arquivos e montanha de fotos

EVANILDO DA SILVEIRA

Quase tão certo como o final feliz nos filmes de mocinho e bandido era, nas décadas de 50, 60 e 70, as sessões de cinema virem precedidas de um documentário produzido pela Jean Manzon Films, uma empresa do conhecido fotógrafo francês, radicado no Brasil, Jean Manzon (*leia quadro*). Eram filmes curtos, de 10 a 15 minutos, mostrando as riquezas e o desenvolvimento do Brasil. Não por acaso, Manzon ficou conhecido como o *cineasta do Brasil grande*, o *cineasta do poder* ou ainda o *cineasta ufa-*

nista. Ele também pode ser considerado o pioneiro do marketing político, como conhecemos hoje, das campanhas eleitorais.

Para estudar a obra cinematográfica de Manzon, composta de cerca de 900 documentários, o sociólogo Edson Luiz Nars dedicou três anos de pesquisa. Durante esse tempo, ele assistiu, com a paixão de um cinéfilo, cerca de 50 filmes, leu pilhas de arquivos e analisou uma montanha de fotos. No final, estudou detalhadamente onze desses documentários. Todo esse trabalho — aqui vale o clichê — hercúleo

resultou na sua dissertação de mestrado *Um Olhar Sobre o Brasil Pelas Lentes de Jean Manzon: de JK a Costa e Silva*, defendida na Faculdade de Ciências e Letras, câmpus da UNESP em Araraquara, em dezembro do ano passado e aprovada com distinção.

Depois da extensa pesquisa, Nars concluiu que a obra de Manzon reflete os interesses político-ideológicos da elite brasileira, seja ela estatal ou privada, do período que abarca três décadas, dos anos 50 aos 70. “Se as expressões *cineasta ufanista* ou *cineasta do Brasil grande* têm um lado pejorativo, por outro traduzem o espírito dessa época, de um Brasil que sonhava ser potência mundial e da elite promotora desse ideal”, explica Nars.

BRASIL FELIZ

Para o sociólogo, Manzon, mais do que ninguém, soube captar e traduzir esse espírito e alavancar o ideal. “Em suas imagens, ele fez com que predominasse o que a elite queria ver de si mesma”, diz. “Ele conseguiu isso, construindo uma imagem cor-de-rosa desse progresso, de um Brasil sem conflitos sociais, de um país que trabalha e é feliz.” Nars acredita que esteja aí a razão do sucesso de Manzon, ou seja, a produção de filmes conscientemente construídos como uma mercadoria que se vende no mercado das ilusões.

A técnica de Manzon não poderia ser mais simples e eficiente. Ele seduzia o público com um impacto audiovisual, bombardeando-o com imagens, movimentos, palavras e efeitos sonoros, plasticidade e

montagem, sempre privilegiando, implicitamente, uma mensagem comercial. “As imagens de Jean Manzon sempre buscam vender para o público uma idéia, no caso, as condições e belezas naturais do País, as virtudes do governo e do progresso brasileiros”, diz Nars.

O fotógrafo e cineasta francês só conseguiu atingir esses objetivos porque era um mestre na manipulação das imagens, tanto as fotográficas como as cinematográficas. “Manzon era um tipo específico de fotógrafo e cineasta”, explica Nars. Na opinião do especialista, ele criava e mani-

plava a realidade brasileira, conforme o desejo dos clientes-patrocinadores. Seus filmes eram pagos ou pelo governo ou pela iniciativa privada. “Por isso, não precisavam de sucesso de bilheteria, bastava apenas agradar a quem os financiava.”

E nisso, Manzon também foi mestre. Sua relação com a elite brasileira de seu tempo sempre foi das melhores. Desde que chegou ao País, nos anos 40, Jean Manzon esteve ligado aos círculos do poder. “Ele trabalhou para o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) de Getúlio Vargas, o que o ajudou a fazer amizades que depois o levaram para a revista *O Cruzeiro*, de Assis Chateaubriand”, lembra Nars. “Aliás, foram essas amizades e a imagem de *self made man*, além de seu prestígio junto à intelectualidade brasileira que permitiram que ele abandonasse o foto-jornalismo e montasse uma empresa produtora de documentários, ou melhor, de filmes publicitários de caráter documentário.”

FARO APURADO

Entre os fatores que contribuíram para o sucesso da Jean Manzon Films, um dos mais decisivos é sua relação com o ex-presidente Juscelino Kubitschek, presidente do Brasil entre 1956 e 1961, que iam muito além do meramente protocolar. Se não eram amigos, pelo menos havia uma grande convergência de interesses. Isso pode ser notado pelo fato de que, durante a campanha eleitoral e o governo de JK, na década de 50, a produção de seus filmes foi financiada basicamente pelos órgãos e empresas públicas.

Esse panorama começou a mudar com os governos militares e a nau capitaneada por Manzon deixou de contar com os ventos a favor do setor público e teve de mudar de rumo. Um marco dessa mudança foi a criação, em 1968, durante o governo do presidente Costa e Silva, da Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), que tinha como objetivo a unificação e veiculação de todas as informações dos ministérios e órgãos federais. “Manzon, que sempre esteve a serviço do governo, passou a sofrer concorrência do próprio governo”, salienta Nars.

Manzon não se apertou, no entanto. Hábil marinheiro nas águas calmas e sem contrarrentes da área governamental, o *cineasta do Brasil grande* se ajustou rapida-

1 - Carlo Ponti e Sophia Loren: estréia de Samba Fantástico

2 - O Binômio: neste avião, está JK, anunciando o Brasil moderno

3 - A Felicidade de Morar: seu primeiro documentário no Brasil

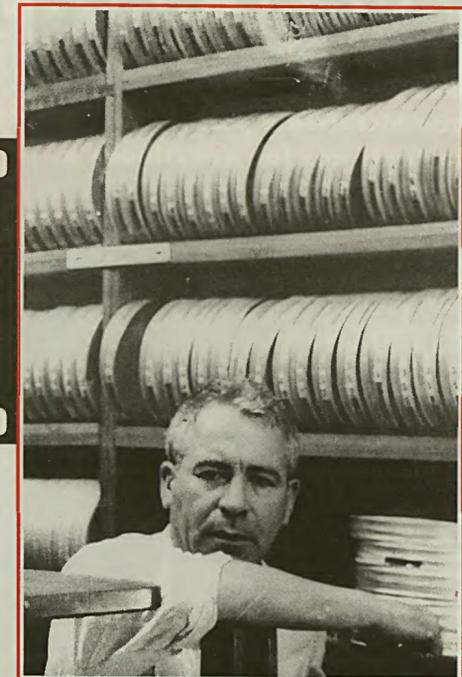
4 - FEB na Itália: Cenas sobre a ida dos praçinhas à Itália

5 - O Mundo Adama o Brasil: viagem de JK ao exterior

6 - O Torcedor: A descontração de Pelé, durante a Copa de 66

7 - Se Pero Vaz Voltasse: o português, no Brasil dos anos 50

mente ao oceano tormentoso da iniciativa privada. “Ele sempre teve um faro apurado e se dirigia para onde o dinheiro ia”, diz Nars. “Ele foi o grande capitalista do cinema e nunca se preocupou com a crítica, apenas com a venda de seu produto, o filme.” Por isso, sua bússola sempre apontava para o lado certo. Na década de 60, exaurida a fonte dos recursos públicos, Manzon buscou financiamentos junto à iniciativa privada. E então, como hoje, não havia melhor lugar para essa empreitada do que São Paulo. O cineasta



UFANISMO
Manzon: pelos interesses político-ideológicos da elite brasileira

adotou, uma nova estratégia comercial e transferiu a Jean Manzon Films do Rio para a capital paulista.

Mesmo assim, Manzon não desistiu de tentar continuar recebendo o dinheiro seguro do Estado. “Ao mesmo tempo que buscava recursos na iniciativa privada, o fotógrafo procurou cortejar os dois primeiros governos militares como forma de continuar produzindo filmes oficiais”, diz Nars. “Os tempos eram outros, entretanto, e ele foi perdendo espaço na burocracia dos ministérios e autarquias do governo federal. Além disso, o governo se profissionalizou na área de comunicação. Começou a recorrer a técnicas sofisticadas de comunicação e recriou no plano político-social um sistema de persuasão tipicamente publicitário.”

Ao analisar essa filmografia de Manzon, Nars avaliou que os filmes repre-

sentam uma visão parcial da história política do Brasil. De um lado sua obra está comprometida ideologicamente com os clientes-patrocinadores, sejam eles do governo ou da iniciativa privada, e, de outro, revelam os interesses particulares desses grupos políticos que estavam no poder.

Segundo Nars, de um modo geral essas imagens, embora estejam comprometidas ideologicamente com quem as construiu, ou seja, a elite brasileira, fornecem uma grande contribuição para a memória nacional. “Na verdade, Jean Manzon soube arrebatar para si o desejo desses grupos sociais dominantes”, define o historiador. “Por isso, ele não se preocupava com as críticas aos seus filmes. Ele preferia concentrar suas forças na defesa dos interesses comerciais. Sob essa perspectiva pode-se entender como Jean Manzon permaneceu no cenário cinematográfico por um período de quatro décadas.”

Da guerra à ditadura

Jean Manzon, o *cineasta do Brasil grande*, que via o país com lentes cor-de-rosa, nasceu na França em 1915 e chegou ao Brasil em agosto de 1940, trazendo na bagagem uma vasta experiência como fotógrafo. Iniciou sua carreira como aprendiz na redação de *L'Intransigent*, por interferência de um tio que trabalhava no departamento de arte do jornal. Depois passou pelo *Paris Soir*, na época, o jornal vespertino francês de maior tiragem. Em seguida fez parte da equipe fundadora da revista *Match*, que em pouco tempo atingiu a tiragem de dois milhões de exemplares, marca até então inédita na França.

Mas Manzon se destacou mesmo na cobertura da Segunda Guerra Mundial. Em 1939, ele foi convocado para atuar no serviço fotográfico da Marinha Francesa. Nessa condição, participou das campanhas da Noruega, do Atlântico e da Inglaterra e, por sua coragem, foi condecorado com a Cruz de Guerra.

Em 1940, no entanto, a situação de Manzon não era das melhores. Com a França ocupada pelos nazistas, o fotógrafo exilou-se em Londres. Sua permanência na Inglaterra se complicou com um ataque inglês a navios

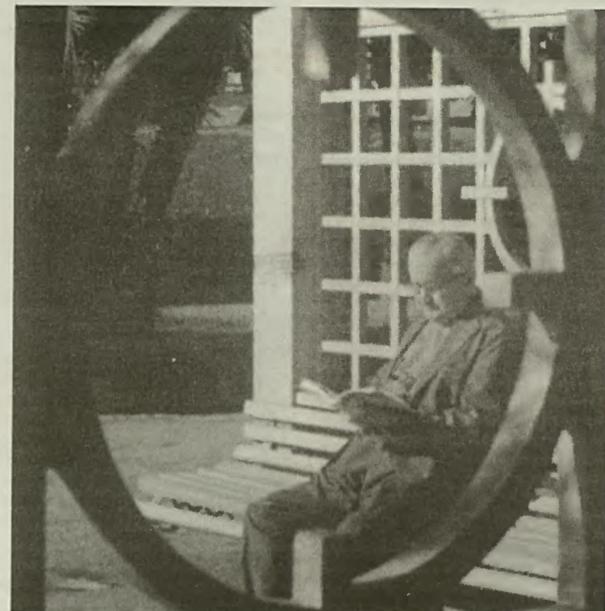
franceses. Nessas circunstâncias, Manzon encontrou o cineasta brasileiro Alberto Cavalcanti, que vivia em Londres e era chefe do Serviço Cinematográfico e Fotográfico Inglês. Foi graças a Cavalcanti que Manzon veio para o Brasil. O cineasta brasileiro conseguiu o visto de entrada no País e providenciou uma carta de recomendação, que lhe garantia emprego quando desembarcasse. Assim, ao pisar em solo brasileiro, Manzon já estava com trabalho assegurado no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão do governo Getúlio Vargas.

Dai em diante, seu sucesso no Brasil só aumentou. Manzon trabalhou na equipe do diretor americano Orson Welles, que filmava cenas do carnaval carioca para o filme *It's All True*. “Também foi convidado pela Fundação Rockefeller para, juntamente com o DIP, filmar a campanha da borracha na Amazônia”, conta o sociólogo Edson Luiz Nars. “Nessa viagem, Manzon conheceu outro brasileiro decisivo para sua carreira: o jornalista David Nasser, dos Diários Associados, que também estava fazendo a cobertura da campanha da borracha. Na empresa de Assis Chateaubriand, os dois viriam a se tornar a mais famosa dupla de jornalistas do Brasil.”

A história da dupla começou em 1944, um

ano depois de Manzon ter sido contratado pelos Diários Associados. Os dois passaram a trabalhar para a revista *O Cruzeiro*, cuja tiragem, com eles, saltou de 17 mil exemplares para 800 mil. Manzon e Nasser trabalharam juntos por uma década. O sucesso da dupla, porém, não impediu que Manzon, em 1952, abandonasse o jornalismo e passasse a se dedicar à produção de filmes documentários. Para isso, ele fundou a empresa Jean Manzon Films Ltda - A Propaganda pela Imagem, que durou exatos 38 anos.

Quando morreu, aos 74 anos, em 1º de julho de 1990, Jean Manzon deixou uma obra digna de nota: oito mil quilômetros de filmes, divididos em 900 curta-metragens e quatro longas, trabalho que lhe rendeu 11 prêmios cinematográficos nacionais e estrangeiros, incluindo o Leão de Ouro na Bienal Internacional de Veneza, em 1958, por seu documentário *L'Amazone*. “Apesar de seu comprometimento ideológico é inegável a importância de Jean Manzon para a memória brasileira”, diz Nars. “Ele soube registrar um momento específico da nossa história, pelo menos do ponto de vista da elite do País.”



HISTÓRIA
A Constituição Acima de Tudo: da posse de Dutra (acima) ao exílio de Jânio



COTIDIANO
O Bonde, Esse Eterno Sofredor: o Rio, em documentário de 1957

Reflexões para o Brasil atual

A visão histórica e política de cinco intelectuais nos faz questionar a valorização do nacionalismo na nova sociedade democrática brasileira

Há poucos caminhos mais fascinantes do que percorrer as veredas em que argumentos históricos e políticos se cruzam. Cinco intelectuais que concentram seus estudos nesse complexo entroncamento disciplinar são enfocados pelo historiador inglês Perry Anderson. Ao tratar de Norberto Bobbio, Carlo Ginzburg, Max Weber, Ernest Gellner e Fernand Braudel, o autor realiza, em *Zona de compromisso*, reflexões de grande atualidade para o momento histórico que o Brasil atravessa.

Inicialmente, Anderson considera Bobbio um pensador que tenta conciliar liberalismo e socialismo, mas faz isso sob uma perspectiva muito particular, principalmente por ter ampla formação filosófica e por conhecer bem os contraditórios significados do termo liberalismo na Itália. Para Anderson, Bobbio, perante a provável inviabilidade democrática do socialismo e os maiores riscos da democracia oriunda do socialismo, opta pelo liberalismo.

Carlo Ginzburg é o objeto de um estudo que se debruça sobre o livro *Andarilhos do bem: feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. Anderson aponta certa descontinuidade no pensamento cronológico do ensaísta italiano e certas generalizações históricas que contribuem para desvalorizar academicamente a obra. No entanto, reconhece que "leitores de virtualmente todos os credos acharão a mais recente história de



Ginzburg um jogo para admirar, um prazer para ler, uma provocação para pensar".

O terceiro ensaio do livro enfoca Max Weber e Ernest Gellner. O primeiro aborda,

segundo Anderson, uma "psicologia do sucesso prático" que inclui a inspiração via "um estranho frenesi" e o "trabalho duro". O curioso é que o historiador revela como Weber não consegue a neutralidade ética que apregoa. Gellner, por sua vez, é um otimista que acredita na modernidade industrial e na capacidade desta gerar melhores condições de vida para a maioria da população. Anderson conclui que, tanto em Weber como em Gellner, permanece a dificuldade de encontrar a identidade pessoal na vida coletiva.

O último texto de Anderson enfoca especificamente a obra *A identidade nacional*, de Fernand Braudel. Anderson mostra como o historiador celebra a diversidade francesa e discute o que é e como pode ser determinado o caráter nacional e a identidade de um povo.

Entende o primeiro como uma "disposição estabelecida" e a segunda como "uma projeção autoconsciente". Seria, por exemplo, possível justificar os motivos que levaram a Noruega a rejeitar sua participação na

Comunidade Européia por uma coerente aversão do país nórdico a tudo que é "muito grande e sistemático".

O olhar crítico que Perry Anderson lança sobre Bobbio, Ginzburg, Weber, Gellner e Braudel é de extrema utilidade para o leitor brasileiro justamente porque coloca em xeque questões fundamentais para o Brasil contemporâneo, principalmente no que diz respeito à possibilidade de construção de uma sólida e duradoura sociedade democrática igualitária caracterizada por uma conduta ética em que o nacionalismo não signifique um retrógrado pensamento isolacionista, mas a consciente valorização dos próprios méritos nas mais diversas áreas do conhecimento e da cultura.

Oscar D'Ambrosio



Zona de compromisso, de Perry Anderson, tradução de Raul Fiker. Editora UNESP; 176 págs.; R\$ 17,00 (desconto de 25% para comunidade da UNESP).

Cartas na mesa

Correspondência entre dois ex-colegas de Assis e de Araraquara chega às livrarias

ORLANDO NUNES DE AMORIM

As cartas de Jorge de Sena são (e o são porque sempre foram) o que se pode chamar de cartas vivas, e as de seus interlocutores, tão vivas quanto as dele. Sempre desempenharam papel fundamental na vida do homem e do escritor e ensaísta português. Esta correspondência sua com Dante Moreira Leite, um dos fundadores da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, atual FCL, câmpus da UNESP em Araraquara, organizada pela esposa do escritor português e pelo filho do professor brasileiro, é bastante reveladora neste sentido. Não só porque desempenha o papel de ser o registro de uma convivência, e nisso são uma vida vivida, cumprindo o seu valor documental; também porque são parte da obra de um outro correspondente, e nisso são vida que se vive, renovada através da leitura.

A ditadura salazarista trouxe Jorge de Sena ao Brasil, em 1959. Conheceu o psicólogo e ensaísta Moreira Leite na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, atual FCL, câmpus da UNESP em Assis, onde ambos lecionavam. A amizade continuou depois da transferência do professor português para Araraquara, em 1961. Em outubro de 1965, Sena foi aos Estados Unidos, convidado pela Universidade de Wisconsin, em Madison. Em 1967, foi nomeado *full professor* do Departamento de Espanhol e Português da universidade americana. Em 1970, transferiu-se para a Universidade da Califórnia, como catedrático de Literatura Portuguesa e Brasileira e de Literatura Comparada. Quando faleceu, em 1978, era chefe do Departamento de Espanhol e Português e do Programa Interdisciplinar de Literatura Comparada. Os intelectuais ainda se reencontraram pessoalmente quando Moreira



TRANSFERÊNCIA
Sena: catedrático na Califórnia



FUNDADOR
Moreira Leite: carreira em Araraquara



Correspondência: Registros de uma Convivência Intelectual, de Dante Moreira Leite e Jorge de Sena. Campinas, Editora da UNICAMP, 175 págs., R\$ 21,00.

Leite, convidado pela Universidade de Wisconsin para dar aulas, visitou Sena em Madison, entre junho e agosto 1967.

Essas informações aparecem explícita ou implicitamente nas cartas entre ambos. No entanto, a correspondência se distingue sobretudo por aquilo que uma vez Jorge de Sena disse não distinguir na correspondência de Henry Miller e Lawrence Durrell: a cultura, o interesse humano, a fraternidade social, a dignidade política, a largueza de vistas, o valor documental. Salvo a primeira carta, todas as outras foram escritas quando os Sena já estavam nos Estados Unidos: a correspondência prolonga a "convivência intelectual ou afectiva (ou ambas) que a vida (os) obrigava a ir deixando de onde a mesma vida (os) apartava". E a grande amizade que ligou as famílias durante a permanência dos Sena no Brasil até as mortes dos correspondentes, se transparece em todas as cartas, fica mais evidente em certos momentos, como, por exemplo, quando do convite oficial da Universidade de Wisconsin a Dante.

O entusiasmo de Sena ao traçar os planos para a estadia da família Moreira Leite em Madison é contagiante (carta de Sena de 27/04/1967). Comovente também é a carta de Sena (12/03/1976) a Miriam Moreira Leite quando do falecimento de Dante: ali está, para o leitor desta *Correspondência*, o fim da *narrativa central* do livro, a epistolografia interrompida, a carta recebida e que não foi (e não poderá ser) respondida.

Um outro aspecto interessante e importante da obra tem a ver com a visão crítica que cada casal possuía em seu meio social. As cartas de Jorge de Sena e sua esposa em que procuram descrever o *american way of life* demonstram uma admirável afinidade de caráter entre eles e uma aguda capacidade de observação e de compreensão dos aspectos menos "nobres" da vida americana (carta de 25/08/1966). Quanto aos Moreira Leite, suas cartas traçam um significativo retrato do "estado de coisas" do Brasil da época: o governo militar, a repressão, a violência e as dificuldades enfrentadas pelos chamados institutos isolados, que viriam a constituir a UNESP.

Enfim, esta *Correspondência* surge como a exposição franca e aberta de uma amizade capaz de durar apesar de todas as dificuldades, até mesmo de superar os limites da morte. Assim, aqueles que sobreviveram aos dois correspondentes perpetuam a convivência emocionante de ambos. E emoção é o que o leitor sente ao se infiltrar em uma parte da vida de dois ex-professores universitários no Brasil, e através disso, tirar suas próprias conclusões a respeito das "mudanças" ocorridas em 20 anos.

Orlando Nunes de Amorim, professor de Literatura Portuguesa, é membro do Centro de Estudos Portugueses "Jorge de Sena" da FCL, câmpus de Araraquara.

Um pensador atual

Colóquio em Franca discute obra de Antonio Gramsci, morto há 60 anos

O pensamento do marxista italiano Antonio Gramsci (1891-1937) permanece vivo segundo seus principais estudiosos no Brasil e no exterior. Esta opinião, porém, gera uma série de dúvidas. Qual relação a intelectualidade brasileira mantém com o pensamento do filósofo? Até que ponto seu pensamento influencia a esquerda européia ocidental deste século? Tais questões, aparentemente adormecidas com a crise mundial do comunismo e do socialismo, ganham novo alento neste ano em que se celebram os 60 anos da sua morte. Justamente para repensar o papel de Gramsci, a Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS) do câmpus da UNESP em Franca, realiza, de 19 a 22 de maio, o colóquio Gramsci — 60 Anos: A Vitalidade de Um Pensamento (veja quadro). “O evento promoverá o encontro de professores e pesquisadores da UNESP com grandes especialistas da reflexão gramsciana no Brasil, envolvendo temáticas da cultura, história e política”, informa o historiador Alberto Aggio, docente da faculdade e coordenador do evento.

Originário de uma família burguesa sarda, Gramsci (veja perfil) influenciou os pensadores da “nova esquerda” européia dos anos 60-70, caracterizados pelo afastamento em relação ao marxismo ortodoxo e ao regime comunista implantado na ex-URSS. Para Gramsci, o aspecto decisivo da luta de classes seria a disputa pela hegemonia, definida como o predomínio, dentro do Estado, da visão de mundo e das idéias de uma classe. “Gramsci via a política sob uma dimensão grandiosa. Realizava uma reflexão extremamente abrangente, mas não superficial, sobre todas as dimensões da sociedade”, explica Aggio.

Professor do Instituto Universitário de Pesquisas do Estado do Rio de Janeiro (IUPERJ), o sociólogo Luis Werneck Vianna acredita que a importância de Gramsci é contínua e crescente. “Ele criou conceitos e categorias que têm se tornado próprios para estudar este mundo de grandes mudanças sem descontinuidades políticas radicais”, argumenta. Para Marco Aurélio Nogueira, professor de Ciência Política da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) do câmpus da UNESP em Araraquara, também conferencista do evento, o filósofo apresenta um pensamento extremamente vigoroso. “Talvez seja o único pensador que consegue manter vivo o mar-



xismo neste mundo em que os paradigmas clássicos, principalmente após a derrubada do Muro de Berlim, foram todos quebrados”, justifica Nogueira, que organizou, juntamente com Carlos Nelson Coutinho (UFRJ), tradutor do filósofo italiano, o volume *Gramsci e a América Latina* (Paz e Terra, 1978).

GRAMSCI E O BRASIL

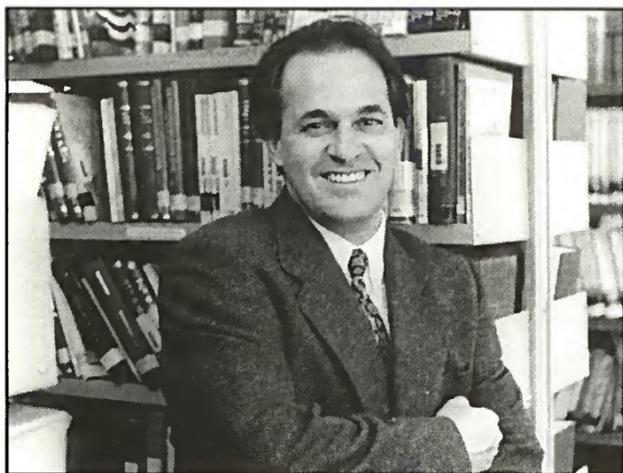
No Brasil, a obra de Gramsci foi publicada a partir da década de 1960. “Depois da início da ditadura militar, o interesse por Gramsci foi retomado com a reedição dos seus livros no final da década de 1970”, lembra Aggio. De acordo com Marco Aurélio Nogueira, a obra de Gramsci, atualmente, oferece respostas para os principais desafios contemporâneos: o corporativismo, a continuidade democrática e a interdependência cooperativa entre países e regiões. “Gramsci, graças a sua visão da política como construção do consenso por meio da hegemonia com reformas de longo prazo, mas não por isso menos radicais, mostra que construir uma direção política pode ser mais importante do que chegar ao poder.”

Um dos grandes méritos de Gramsci estaria justamente em provocar uma reflexão sobre a realidade de maneira global. “Fernando Henrique Cardoso, logo após assumir a presidência, citou o pensador italiano como um dos que podiam indicar caminhos sobre o que fazer em relação ao Brasil”, argumenta Aggio. “Ele está justamente conduzindo reformas importantes sem exacerbar conflitos sociais e comanda essas mudanças assessorado por um grupo de grandes

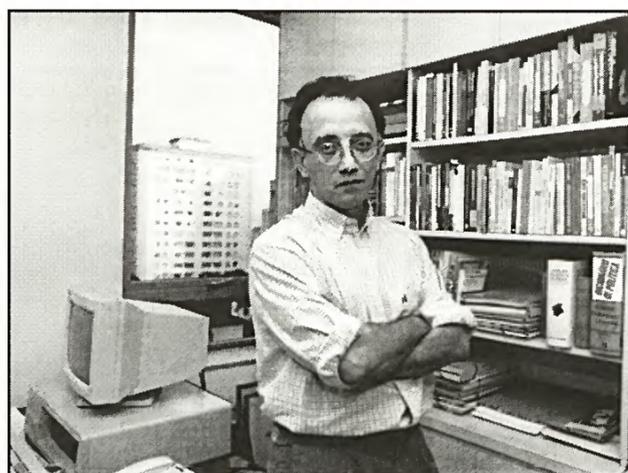
intelectuais que, ao lado dele próprio, tomam como base o princípio de que o Brasil precisa se adaptar ao ritmo mundial.”

Werneck Vianna, um dos primeiros a utilizar as categorias de Gramsci para investigar a realidade histórica brasileira, acredita ainda que, nos próximos anos, haverá o crescimento da influência do pensamento gramsciano entre a esquerda nacional. “Por décadas, tentou-se entender a sociedade brasileira com base nos modelos da Inglaterra e da França”, diz. Segundo ele, só recentemente começou-se a observar que o Brasil fica mais compreensível se analisado em comparação com Itália e Alemanha, que implantaram o capitalismo sob forma autoritária. “Nesse sentido, a obra de Gramsci ganhará numerosas releituras”, conclui.

Oscar D’Ambrosio



DIMENSÃO
Aggio: reflexão muito abrangente, mas não artificial



MARXISMO
Nogueira: ideologia viva após a queda do Muro de Berlim

Um marxista diferente

Líder político e filósofo marxista, Antonio Gramsci (1891-1937) nasceu na Sardenha (Itália). Embora aderisse ao Partido Socialista em 1913, adotou uma orientação revolucionária em divergência com a direção reformista do partido. Participou da fundação do jornal *Ordine Nuovo*, fundamental na organização da greve geral de 1920, marcada pelo surgimento dos conselhos operários de fábrica em Turim. No ano seguinte, afastou-se do Partido Socialista e foi um dos fundadores do Partido Comunista Italiano (PCI), chegando ao cargo de secretário-geral. Seu empenho na organização da resistência ao fascismo levou-o a uma condenação de vinte anos de prisão, em 1926.

Fisicamente enfraquecido pelas condições carcerárias, foi libertado em 25 de abril de 1937, morrendo dois dias depois. Na prisão, burlando a censura, escreveu milhares de páginas, publicadas integralmente apenas em 1975. O material, intitulado *Cadernos do Cárcere*, reúne ensaios e anotações sobre filosofia, política, história, estética e literatura. A principal contribuição de Gramsci para o marxismo foi estabelecer uma variante que conferia importância menor ao papel da economia como fator essencial de mudanças sociais. Sua teoria priorizava o trabalho político e intelectual das classes revolucionárias por meio de alianças que levassem à hegemonia.

GRAMSCI EM FRANCA

O Colóquio “Gramsci — 60 anos: a vitalidade de um pensamento”, entre 19 e 22 de maio, terá quatro conferências, três *workshops* e três mesas-redondas, compostas em sua maioria por estudiosos do pensamento do filósofo marxista oriundos dos câmpus da UNESP de Franca, local do evento, Araraquara, Assis e Marília. Estão confirmadas ainda as presenças de Carlos Nelson Coutinho (UFRJ), autor de *Gramsci, um estudo sobre seu pensamento político* (Campus, 1989), um dos mais importantes estudos sobre o pensador italiano, Luiz Werneck Vianna (IUPERJ) e Ivete Simionatto (UFSC), especialista na influência de Gramsci sobre a Teoria do Serviço Social. Outras informações, pelo telefone (016) 722-6222, ramal 67, ou pelo site <http://www.unesp.br/evento/gramsci/gramsci.htm>

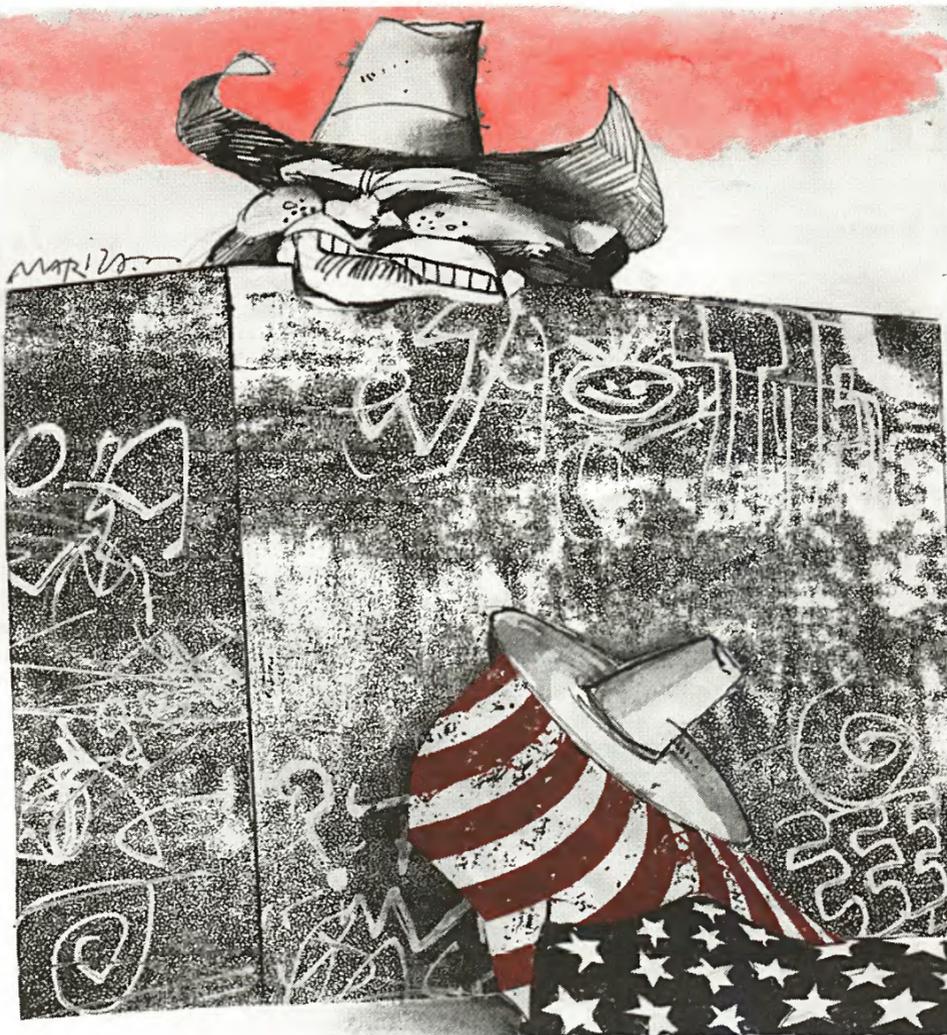
A queda do muro de Berlim, em 9 de novembro de 1989, selou definitivamente o fim da Guerra Fria, mas, ao contrário do que sonhavam os otimistas, não acabou com as divisões do mundo. Com seu maior inimigo, a ex-União Soviética, prostrado, os Estados Unidos passaram a dirigir seus olhares belicosos para outra parte do mundo, a América Latina. A guerra agora não é, no entanto, ideológica, mas cultural.

Esta é a conclusão que emerge do ensaio *Civilização, cultura e desenvolvimento nas recentes abordagens norte-americanas do conflito internacional: a identidade latino-americana em questão*, escrito pelo historiador Luís Fernando Ayerbe, do Departamento de Economia da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus da UNESP em Araraquara.

O ensaio, escrito no primeiro semestre de 1996, quando Ayerbe realizava estudos de pós-doutorado na Universidade de Harvard (EUA), foi premiado no XII Certame Latinoamericano de Ensaio Político, promovido pela revista *Nueva Sociedad*, da Venezuela, sobre o tema "Comunicação, culturas e identidades no fim do século". "O objetivo do meu trabalho é analisar a percepção da América Latina presente nas recentes abordagens norte-americanas do conflito internacional", explica Ayerbe.

O historiador da UNESP decidiu escrever o ensaio depois que constatou, durante sua permanência em Harvard, que para alguns autores, com influência na formulação da política externa dos Estados Unidos, valores e atitudes relacionadas com culturas "avançadas" ou "atrasadas" explicam as diferenças de desenvolvimento, tanto entre países como entre grupos étnicos, dentro dessas nações. "Essas análises expressam o desconcerto de setores da intelectualidade conservadora frente aos paradoxos de uma realidade que exige novas abordagens e novas soluções", diz. "Na busca de resposta, a lógica da Guerra Fria reaparece como Guerra Cultural."

Ayerbe chegou a essa conclusão depois de observar o comportamento de setores das elites norte-americanas, ler os jornais, os discursos dos presidentes daquele país e pesquisar em documentos do Departamento de Estado. "A existência dessa guerra fica evidente no preconceito em relação aos imigrantes



Muro de cara nova

Com a ex-URSS fora de cena, os Estados Unidos deflagram uma guerra cultural



PARADOXOS
Jane e Ayerbe, da FCL: culturas "avançadas" ou "atrasadas"

latino-americanos", diz. "Eles são vistos como culturalmente atrasados e como pessoas que podem trazer coisas indesejáveis e perigosas, como doenças, drogas, violência." Na verdade, no país do politicamente correto, são mais discriminados que os negros, lá chamados de *african-americans*, e tanto quanto os africanos e asiáticos, com a possível exceção dos japoneses.

Essa comparação dos imigrantes originários do imenso território situado ao Sul do Rio Grande (divisa EUA/México) com os que vêm da Europa e do Japão é um dos principais aspectos no qual se manifesta a Guerra Cultural. A idéia mais comum é que, ao contrário dos latino-americanos, esses imigrantes vêm de uma cultura avançada e, como seus próprios países, progridem mais rapidamente. "Assim como os norte-americanos fazem comparações entre países, também fazem entre os imigrantes desses países dentro dos Estados Unidos", explica Ayerbe.

De acordo com o historiador, para os norte-americanos, os latino-americanos não progridem nos Estados Unidos por estarem influenciados por uma ética de trabalho diferente. Neste sentido, a influência ibérica na cultura latino-americana contrasta com a ética protestante e a ética confuciana presentes nas culturas ocidental (européia) e do Leste da Ásia, que influenciam, valorizam e estimulam o apego ao trabalho, à educação e à eficiência.

O trabalho de Ayerbe não se limita, no entanto, ao texto enviado ao concurso da *Nueva Sociedad*. O tema abordado pelo historiador faz parte de um projeto mais amplo — que leva o mesmo título do ensaio — desenvolvido pelo Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Cultura e Desenvolvimento (GEICD), da FCL (leia quadro), composto por nove pesquisadores da faculdade. Fundado no ano passado, esse grupo, coordenado pelo próprio Ayerbe, reúne docentes-pesquisadores das áreas de História, Educação, Economia, Ciências Sociais e Letras, com experiência de pesquisa em instituições do País e do exterior. "Nossa preocupação é o estudo sistemático do tema Nação, Identidade Cultural e Desenvolvimento: Brasil e América Latina na Realidade Global", explica Ayerbe.

Evanildo da Silveira

Grupo criado para o ensino e a pesquisa

Os frutos do trabalho do historiador Luís Fernando Ayerbe não se limitam ao ensaio publicado pela revista *Nueva Sociedad*. Seus estudos resultaram também na criação do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Cultura e Desenvolvimento (GEICD), na FCL de Araraquara. "O grupo nasceu para consolidar um espaço interdisciplinar de ensino e pesquisa na UNESP", explica Jane Soares de Almeida, pedagoga e doutora em História e Filosofia da Educação, do

Departamento de Didática da FCL e participante do grupo. "O GEICD está centrado no tema *Nação, Identidade Cultural e Desenvolvimento*, com desdobramentos institucionais que promovem a interação com a comunidade acadêmica e a sociedade, por meio do desenvolvimento de programas de formação para profissionais dos setores público e privado com interesse nessa área."

Jane acrescenta que o GEICD — que existe desde novembro de 1996 e deverá se consolidar no decorrer deste ano — é um grupo temático,

que vai atuar na pós-graduação em Sociologia, sobre o tema geral "Nação e identidade cultural e desenvolvimento: Brasil e América Latina na realidade global". "Serão cerca de dez professores, de quatro departamentos da FCL, oferecendo disciplinas e cursos de formação e orientando teses de pós-graduação nas áreas de Educação e Economia", acrescenta Jane. Isto está dentro do Programa de Capacitação de Docentes, que é dirigido por professores da rede oficial de São Paulo, num convênio da UNESP com a Secretaria de Educação, e aborda a escola enquanto

espaço cultural. É uma proposta que visa a melhoria do trabalho docente para 1º e 2º graus.

A pesquisadora Jane quer estudar ainda como a cultura brasileira aparece nas escolas de 1º grau e como a nação é vista nelas. "São programas de capacitação de docentes que vamos desenvolver por meio de seminários, publicação de periódicos e cursos de extensão e de aperfeiçoamento", explica. "Depois iremos oferecer os programas para as delegacias de ensino do Estado interessadas."

ENSINO PÚBLICO

Projeto recicla professores da rede

Área de Genética é a mais beneficiada

Três pesquisadores do Instituto de Biociências (IB) do campus de Botucatu e três do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), de São José do Rio Preto, participam do maior projeto aprovado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), dentro do Programa Pró-Ciência. Este programa vai reciclar 1.547 professores de Ciências e Matemática do 2º grau, da rede pública de ensino de São Paulo. O projeto em questão, que receberá um financiamento de R\$ 189.400,00, foi proposto pela Sociedade Brasileira de Genética (SBG), que vai permitir que esses seis docentes da UNESP, junto com outros da USP e da Unicamp, reciclem 200 professores de Biologia dos municípios de Ribeirão Preto, Campinas e Piracicaba, Rio Preto e Botucatu.

O projeto, que começou em março e deve se encerrar em julho, prevê a reciclagem de 40 professores por município, que terão aulas durante oito sábados em unidades das universidades envolvidas. "As aulas serão práticas e teóricas", explica a bióloga Sílvia Regina Rogatto, coordenadora da equipe da UNESP de Botucatu, que tem ainda os também biólogos Celso Luís Marino e Guaracy Tadeu Rocha, todos do Departamento de Genética, do IB. "De cada grupo de 40, serão escolhidos três professores para participar, nos laboratórios das universidades, de atividades práticas e de pesquisa, que possam ser aplicadas nas escolas."

Os 15 escolhidos na primeira fase servirão como monitores de seus colegas, expandindo a reciclagem a todos os professores de Biologia. "A vivência nos laboratórios servirá para torná-los capazes de preparar aulas práticas sobre experimentos de Genética", diz o biólogo Wladimir João Tadei, coordenador da equipe do Ibilce, da qual fazem parte ainda Marlene Kiyoni Hosaki Kobayashi e Ana Elizabete Silva. Se os resultados forem positivos, o projeto poderá se estender pela SBG.



Monica Richier

BIOLOGIA
Sílvia, do IB: até julho, aulas práticas e teóricas

Esse não é o único projeto de reciclagem aprovado pelo Programa Pró-Ciência que tem a participação da UNESP. Dos 23 contemplados, oito são da Universidade: quatro

de Matemática, um de Física, um de Química, um de Física e Química e um de Ciências e Técnicas Agrícolas. O financiamento total para a Universidade será de R\$ 572.499,79.

Bolsas até o ano 2000

A meta é combater o fracasso escolar

Propiciar auxílio e treinamento a professores para combater o fracasso escolar. Com esse objetivo, o projeto "Melhoria do Ensino Público: A Formação de Professores para as Séries Iniciais do 1º Grau na Habilitação Específica de Magistério da EEEPSG Profa. Maria Luiza Bastos de Presidente Prudente" foi aprovado pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo (Fapesp). O projeto, iniciado em 1991, foi apresentado pelos educadores Yoshie Ussami Ferrari Leite, Alberto Albuquerque Gomes e Gelson Yoshio Guibu, coordenadores do Núcleo de Ensino, vinculado ao Departamento de Educação da Fa-

culdade de Ciências e Tecnologia (FCT), câmpus da UNESP em Presidente Prudente.

A seleção significou a liberação de uma verba de R\$ 261.600,00, que será utilizada, em sua maior parte, para a reciclagem e formação em serviço dos profissionais da rede pública. "O montante será usado para pagamento de 20 bolsas aos professores e na compra de material permanente e de consumo para o colégio até o ano 2000", informa Yoshie. Ela lembra ainda que o projeto também concorreu à convocatória Fapesp — Ensino Público, em 1995, mas não foi escolhido. "É gratificante ver que o nosso empenho foi finalmente reconhecido."

MÚSICA

Toque de mestre

Workshop traz violinista russo

Considerado um dos maiores violinistas da atualidade, o russo Victor Danchenko está no Brasil para realizar workshop, entre os dias 1º e 5 de maio, no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Danchenko é professor do Peabody Conservatory e do Curtis Institute, dos Estados Unidos, duas das mais importantes instituições musicais do mundo. O workshop será acompanhado por 20 alunos bolsistas do Brasil, Argentina e Uruguai, entre eles a segundanista Maria Fernanda Zagatto Krug e os quartanistas, André da Silva Viana, Paulo Roberto Hermes e Rommel Luiz Vilela Fernandes, do bacharelado em instrumento violino do Instituto de Artes (IA) da UNESP, em São Paulo. "É uma chance para estes alunos enriquecerem seus currículos, conhecerem um novo meio acadêmico e se estimularem a conhecer outras culturas e universidades, inclusive do exterior", comenta Ayrton Pinto, docente do Departamento de Música do IA. Nos dias 26 e 27 de abril, Danchenko esteve em São Paulo, onde fez duas apresentações especiais no IA.



ORÇAMENTO

A briga começou

Índice do ICMS já causa discussão

Luta pelo índice do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e de Serviços (ICMS) destinado às universidades públicas paulistas em 1998 já teve seu primeiro round. A proposta de emenda constitucional nº 08, de 1996, do deputado estadual César Callegari, que pretendia tornar obrigatória a destinação de, no mínimo, 9,57% do imposto para os cofres das instituições, ganhou um parecer contrário da deputada Maria do Carmo Piunti. O fato motivou a congregação da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Araraquara, a redigir uma moção de repúdio ao parecer, distribuída a todos os deputados, aos três reitores e aos diretores de unidades da UNESP.

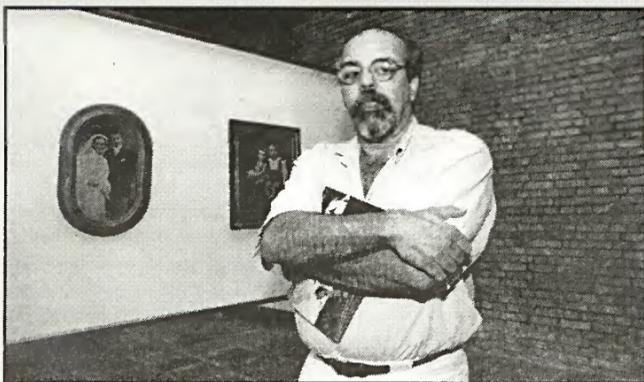
Segundo a moção, a deputada argumenta sem procedência uma inconstitucionalidade na proposta de Callegari, esta, sim, em concordância com as tendências de universalização dos direitos sociais relacionados à educação superior. "Temos que pressionar os deputados para que entendam que as universidades estão crescendo e a verba destinada a elas precisa acompanhar esta evolução, o que não vem acontecendo", afirma Cláudio Benedito Gomide de Souza, diretor da FCL. O índice oficial deve ser estabelecido até o final de junho deste ano.

ESTANTE

Docentes do Instituto de Artes lançam livros

Fotos e cerâmica são os temas das obras

Artista e professor Luiz Gonçalves Monforte, do Instituto de Artes (IA) do câmpus da UNESP em São Paulo, está lançando o livro *Fotografia Pensante* (Senac, 240 págs.) no próximo dia 7 de maio, no Senac (Rua Scipião, 305, São Paulo). A obra é parte de sua tese de doutoramento, a ser defendida no final do ano na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Tem 120 páginas ilustradas mostrando 80 diferentes processos de se fazer fotografia. "São trabalhos totalmente fora do convencional", diz Monforte. Artistas como Maria Bonomi e Jerry Uelsmann estão entre os autores dos trabalhos apresentados. O lançamento do livro integra os eventos do Mês Internacional da Fotografia e será acompanhado por uma exposição com o mesmo nome da obra.



Monforte: trabalhos totalmente fora do convencional

Escultora Lalada Dalglish é outra artista do IA que está com um livro saindo do forno. Trata-se de *Mestre Cardoso - A Arte da Cerâmica Amazônica* (90 páginas, R\$ 45,00). A obra é uma produção independente de Lalada, que contou apenas com financiamento da Secretaria de Educação da Prefeitura de Belém para a impressão. "É um trabalho sobre a maneira de o índio ver a arte", explica a artista. O livro inicialmente conta as fases da cerâmica amazônica e depois se concentra na arte de mestre Raimundo Cardoso, ceramista que faz pesquisas sobre a cerâmica do Amazonas. O livro, que será lançado dia 22 de maio na Livraria Livre (Rua Armando Pentead, 44, São Paulo) é todo ilustrado, apresentando inclusive técnicas de produção de cerâmica.



Lalada: retrato da maneira de o índio ver a arte



BAURU

Volta às origens

FET vira FE

Exatamente no ano em que completa três décadas de criação, a Faculdade de Engenharia e Tecnologia, câmpus da UNESP em Bauru, está mudando de nome. "Estamos voltando às origens", explica o engenheiro Ivan de Domenico Valarelli, diretor da faculdade. Chamada inicialmente Faculdade de Engenharia, a unidade incorporou o nome Tecnologia em agosto de 1988, quando passou a oferecer os cursos de Tecnologia Elétrica (modalidade Eletrônica), Agrícola (modalidade Mecanização Agrícola), Mecânica (modalidades Oficinas de Manutenção e Processamento de Dados) e Civil (modalidade Edifícios). Essas áreas, porém, foram se esvaziando e tiveram seus vestibulares suspensos em 1991.

A mudança de nome foi aprovada pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária (CEPE) em março último e será homologada, até o final de ano, pelo Governador do Estado. "Isso, porém, não significa que nos afastaremos da tecnologia, pois os cursos que atualmente oferecemos enfocam o tema", esclarece Valarelli.

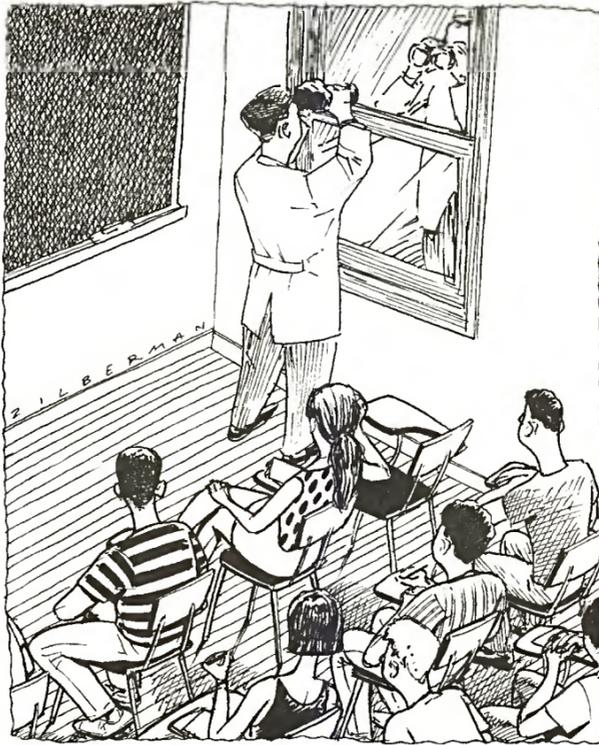
PESQUISA

Falso paradigma

Vestibular não é parâmetro para o ensino do 2º grau

o contrário do que pode parecer à primeira vista, o vestibular não exerce nenhuma influência no ensino de 2º grau. Pelo menos em 13 escolas da Região Noroeste do Estado. A conclusão é do professor de Matemática Antônio Piratelli, em *Investigação sobre a influência do vestibular no ensino público de 2º grau, na região Noroeste do Estado de São Paulo*, título de sua dissertação de mestrado em Educação, apresentada e aprovada com distinção na Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) do câmpus da UNESP em Marília da UNESP.

Para elaborar sua dissertação, Piratelli enviou um questionário, com 14 perguntas, para 104 professores, de 13 escolas públicas, de oito cidades daquela região: Araçatuba, Birigüi, Bilac, Buriatama, General Salgado, Guararapes, Ilha Solteira e Penápolis. Entre outras questões, Piratelli procurava descobrir se os pro-



Paulo Zilberman

fessores estariam se atualizando e transmitindo a seus alunos informações específicas sobre os vestibulares, dando ênfase aos temas abordados nesse exame.

O pesquisador procurou saber ainda se os professores resolviam questões trazidas pelos alunos, fazendo considerações com eles sobre os seus conteúdos e dificuldades. Ele investigou ainda se os mestres organizavam as suas avaliações nos moldes do vestibular e orientavam seus alunos sobre as formas de realização das provas de todas as faculdades ou apenas das mais próximas.

O estudo mostrou que o vestibular, no universo pesquisado — 102 professores responderam o questionário —, não tem influência nenhuma. "As respostas serviram para derrubar a idéia que se tinha de que o vestibular seria um modelo para o ensino de 2º grau", diz Piratelli. "Os alunos exigem muito pouco dos professores e quase não se interessam pelo assunto."

DIREITO

Mudanças no currículo

Curso enfatizará as novas tendências da carreira

Para se enquadrar no que determina a Portaria 1.886 de 30 de dezembro de 1994, do Ministério da Educação e do Desporto (MEC), que fixa novas diretrizes curriculares e o conteúdo mínimo do curso jurídico, todas as faculdades de Direito do País estão reformulando os seus currículos. É o caso também da Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS) do câmpus de Franca da UNESP, que já está na fase de implantação das mudanças em seu curso de Direito. "O objetivo da portaria é fazer com que os cursos não enfatizem somente as questões técnico-jurídicas, mas também os aspectos políticos e sociais e as novas tendências do Direito", explica Dorothee Susanne Rudiger, chefe do Departamento de Direito Penal e das Relações Sociais e Especiais da faculdade.

Entre as alterações implantadas no currículo do curso de Direito da FHDSS está a



Oswaldo

inclusão de novas disciplinas, como Teoria Geral do Direito Público, Teoria Geral do Direito Privado, História do Direito e Método da Pesquisa, e a exclusão de outras,

como Comunicação e Expressão Forense. Outras alterações importantes são a obrigatoriedade de um trabalho de conclusão de curso, estágio mais profissional e com mais horas e matrícula por disciplina — o curso deixa de ser seriado como é hoje.

Segundo Dorothee, as alterações curriculares, além de terem sido feitas para os cursos atenderem às exigências do MEC, também respondem às preocupações das diretrizes da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). "Para a Ordem, os currículos dos cursos de Direito, hoje, devem formar advogados com visão sócio-política e em sintonia com a sociedade da qual fazem parte", explica. "O advogado que queremos formar deve ter horizontes mais largos e não só ser um profissional que cegamente aplica as normas."

ALUNOS

A mais bela

Camila de Paula Freitas, 18 anos, primeira do curso de Medicina Veterinária da Faculdade de Odontologia do câmpus da UNESP em Araçatuba, provou que não é fera apenas no concurso vestibular. No último dia 17 de março, na Capital, ela desbancou 22 candidatas de todo o Estado e arrebatou o título de Miss São Paulo 1997, conquista que lhe valeu R\$ 2 mil em prêmios. A simpatia e as perfeitas medidas — 1,74 m de altura, 90 cm de busto, 63 cm de cintura e 91 cm de quadril — lhe garantiram a vitória. "Foi uma surpresa, pois me inscrevi em cima da hora", diz a estudante, que competiu como miss Votoporanga, cidade onde mora. Sem nunca ter feito curso de modelo, mas dona de outros títulos nas passarelas, Camila tem como meta os próximos certames nacionais e internacionais. No dia 19 de abril, por exemplo, conquistou o 5º lugar no Concurso Miss Brasil, realizado em Teresina (PI). Os fãs da faculdade, porém, podem ficar tranquilos. "Levei dois anos para entrar em Veterinária e não pretendo largar a faculdade", promete.

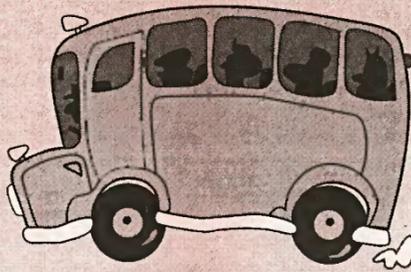
Camila: nº 1 em São Paulo



Arquivo Pessacol

Pé na estrada

No último dia 18 de abril, quarenta funcionários da Reitoria lotaram o ônibus da Faculdade de Ciências Agrônômicas (FCA) do câmpus da UNESP em Botucatu e foram visitar as dependências da Fazenda Lageado, onde fica a instituição. A excursão, a convite do diretor da FCA,



Elias José Simon, inaugurou a série de viagens que começam a ser organizadas pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários (Proex), com o objetivo de mostrar a Universidade para os técnico-administrativos que trabalham na Reitoria. Pretende-se fazer uma viagem deste tipo todos os meses. Maiores informações na Proex, ramal 269, com Sandra ou Vilma.

BANESPA



A Universidade já tem seu cartão

No último dia 24 de abril, no prédio da Reitoria, em São Paulo, aconteceu o lançamento oficial no cartão UNESP Banespa Visa. É o sétimo cartão de afinidade do banco, que trabalha com a Universidade desde 1976, e o quarto em parceria com universidades — as outras são a USP, a Unicamp e a Federal Fluminense. "Estamos dando a oportunidade para que 15 mil correntistas vinculados à Universidade adqui-

ram o novo cartão de crédito, identificando assim sua procedência profissional ou universitária", afirma Jerônimo Molas Galliano, presidente da administradora do Banespa Visa.

O novo cartão destina-se a toda a comunidade universitária, incluindo ex-alunos e prestadores de serviços da instituição. Um percentual da anuidade dos cartões de crédito será transferido aos Centros de Convi-

vência Infantil (CCI). Estes centros, presentes em alguns câmpus, são destinados aos filhos, entre quatro meses e seis anos, de funcionários, de professores e de alunos da UNESP. Para associar-se ou simplesmente mudar o layout de seu cartão de crédito, o cliente deve informar-se no posto do Banespa de sua unidade. A anuidade, no valor de R\$ 60,00, poderá ser dividida em três mensalidades.



ARACATUBA

• Já estão abertas as inscrições para o III Encontro de Anestesiologia Veterinária, entre os dias 14 e 16 de agosto. Na pauta, a atualização e a discussão de tópicos em Anestesiologia Veterinária e o intercâmbio de informações e idéias entre os profissionais da área. Participação de Eugene P. Steffey, da Universidade da Califórnia (EUA). Promoção do Curso de Medicina Veterinária da Faculdade de Odontologia (FO), das 8h às 20h. Informações (018) 622-4542, ramal 311 ou (018) 983-2032.

BAURU

• Já estão abertas as inscrições para o 14º Congresso Brasileiro de Engenharia Mecânica, entre 8 e 12 de dezembro. Haverá apresentação de trabalhos, conferências, palestras técnicas e exposição de produtos tecnológicos sobre diversos assuntos, como energia, vibrações e acústica, sistemas dinâmicos e modelagem e projetos mecânicos. Organizado por docentes das seguintes unidades da UNESP: Faculdade de Engenharia e Tecnologia (FET) de Bauru, Faculdade de Engenharia (FE) de Ilha Solteira, Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) de Rio Claro e Faculdade de Engenharia (FE) de Guaratinguetá. No centro de convenções do Hotel Obeid Plaza. Informações (018) 762-3113, ramal 138.

• 19 a 23/5. Curso de extensão **Pavimentação Econômica com Solos Lateríticos**. Aborda técnicas econômicas de pavimentação e controle de obras quando se utilizam materiais lateríticos. Na FET. Informações (014) 230-2111, ramal 195.

BOTUCATU

• 6 e 23/6. **Shows musicais**. Dia 6, às 20h30, Os Seresteiros (MPB), na Associação Atlética Botucatuense (AAB); dia 23, às 20h30, Street Jazz Band, no anfiteatro da Fazenda Lageado da Faculdade de Ciências Agrônomicas (FCA). Promoção do Instituto de Biociências (IB), da FCA, da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ), da AAB e da Prefeitura Municipal. Informações (014) 821-2121, ramais 2347 e 2253 (manhã) ou 2011 e 2277 (tarde).



• 10 a 20/5. Período de inscrição para o curso **Investigação de Acidentes de Trabalho**. Por Maria Cecília Pereira Binder e Ricardo C. Cordeiro, docentes do Departamento de Saúde Pública da Faculdade de Medicina (FM). Dirigido a médicos, engenheiros e técnicos de segurança. Horários a confirmar. No Centro de Saúde Escola. Informações (014) 821-2121, ramais 2200 e 2352.

• 17 e 18/5. 2º Workshop de **Microcirurgia e Cirurgia de Mão**. Organizado pela Disciplina de Cirurgia Plástica do Departamento de Cirurgia e Ortopedia da FM. Das 8h30 às 20h. Na FM. Informações (014) 821-2121 ramal 2230.

• Já estão abertas as inscrições para o Simpósio Internacional Sobre **Disfagia**, entre 25 e 26 de julho. Entre os temas, fisiologia da deglutição, diagnóstico e

AGENDA

RELAÇÃO DOS EVENTOS PROMOVIDOS
PELAS UNIDADES NO MÊS DE MAIO

tratamento clínico. Presenças de Jean-Luc St Guily (França) e Josef Janssens (Bélgica). Sexta-feira, das 8h30 às 18h, e sábado, das 8h30 às 12h. Na FM. Informações (014) 821-2121, ramal 2256.

• 6 a 14/5. **Estatística Básica Através do SAS**. Curso organizado pelo Centro de Informática na Agricultura da Faculdade de Ciências Agrônomicas (FCA). Das 8h às 12h. Na FCA. Informações (014) 821-3883, ramal 118.

ILHA SOLTEIRA

• 5 a 16/5. Curso **Eletrônica Básica**. Por Carlos Alberto Canesin e Sérgio Kurokawa. Na Faculdade de Engenharia (FE). Informações (018) 762-2125.

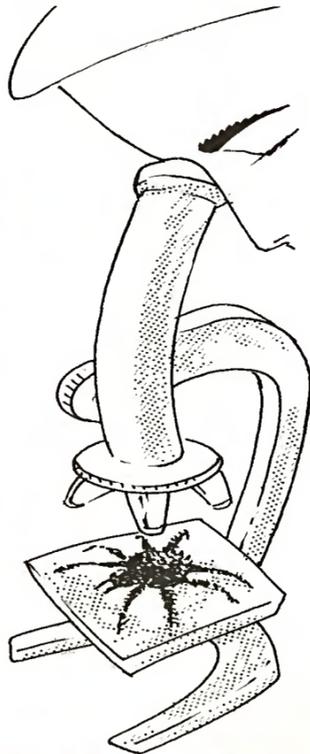
• 12 a 16/5. **Comando e Proteção em Baixa Tensão**. Por Dalgerti Lelis Milanez, Rubén Augusto Lázaro e Carlos Sasano. Na FE. Informações (018) 762-2125.

JABOTICABAL

• 5 e 6/5. Curso de **Plasticultura**. A utilização correta do plástico na produção de hortaliças e o controle integrado de pragas, especialmente na cultura do tomateiro. Das 8h às 18h. Na Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV). Informações (016) 323-2978 na Fundação de Estudos e Pesquisas em Agronomia, Medicina Veterinária e Zootecnia (Funep) do câmpus de Jaboticabal.

• 13 a 15/5. Métodos Rápidos e Automação em **Microbiologia**. Aulas teóricas e

práticas sobre métodos convencionais de análise, contagem direta de microorganismos, triagem de patógenos, entre outros temas. Dirigido a professores e alunos de pós-graduação. Na FCAV. Informações (016) 323-2500, ramal 225.



MARÍLIA

• 6/5 a 19/8. Curso de extensão universitária **A Centralidade do Trabalho no Pensamento Marxista Contem-**

porâneo. Por Maria Orlanda Pinassi e Maria Valéria Verfíssimo, do Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC). Dirigido à comunidade da UNESP, dirigentes e militantes políticos e sindicais da região de Marília, profissionais liberais e professores da rede pública. Na FFC. Informações (014) 433-1844, ramais 119 e 147.

• 15/5. Encontro **Lourenço Filho: A Obra de Uma Vida**. O pensamento de Lourenço Filho, sua literatura infantil e obra pedagógica. Promovido pelo curso de pós-graduação em Educação. Das 9h às 17h. Haverá uma exposição iconográfica e bibliográfica e lançamento da coletânea *Lourenço Filho, Outros Aspectos, Mesma Obra*, organizada por Carlos Monarcha. Na FFC. Informações (014) 433-1844, ramal 136.

• Já estão abertas as inscrições para o II **Simpósio Científico** do Câmpus de Marília. Entre os temas, Educação, formação de recursos humanos, relação corpo-mente, globalização e cultura e questão agrária. De 3 a 6 de junho. Na FFC. Informações (014) 433-1844, ramais 195 e 177, no Núcleo de Apoio às Atividades Acadêmicas (NAC).

SÃO PAULO

• 1/5 a 31/8. **Concurso de Composição para Órgão** "Fúrio Franceschini". Os objetivos são incentivar a produção de música para órgão, promover o conhecimento sobre o instrumento e difundir seu uso. Os candidatos podem

concorrer com quantas composições desejarem. Serão premiadas três obras. A coordenação é da organista Dorotéa Kerr, docente do Departamento de Música do Instituto de Artes (IA). Informações (011) 274-4733, ramal 232.

• 4/5. Último dia da exposição **O Que Será do Agora Sem o Antes**. Primeiristas de Artes Plásticas, orientados por Alcindo Moreira Filho, mostram trabalhos anteriores à entrada na Universidade, utilizando técnicas, como óleo sobre tela e pastel sobre canson. Das 8h às 12h e das 13h às 18h. No IA. Informações (011) 274-4733.

• 7/5 a 25/11. Curso de **Composição Musical**. Subsídios e orientações aos compositores-alunos no sentido da criação musical alicerçada nas características da música do Brasil. Dirigido a amadores ou profissionais. Por Sérgio Vasconcellos. Às quartas-feiras, das 10h às 12h. No IA. Informações (011) 274-4733, ramal 232.

• 7/5 a 26/6. Curso Nova **LDB** e a Realidade Educacional Brasileira. Por João Cardoso Palma Filho. Às quartas-feiras, das 13h às 17h. No IA. Informações (011) 274-4733.

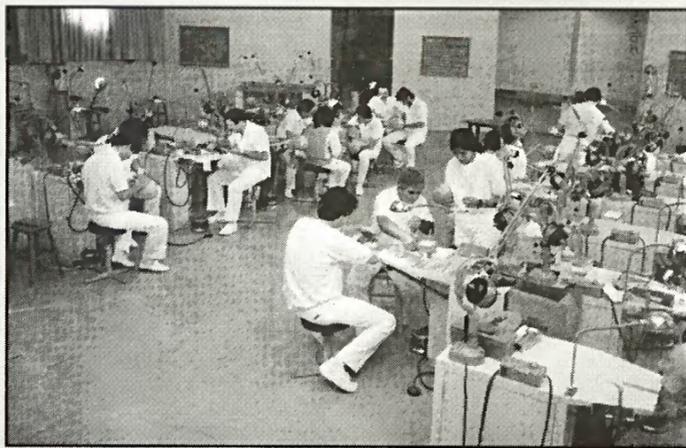
• 13/5 a 17/6. Curso **Artes Editoriais Multimídia**. Por Pelópidas Cypriano de Oliveira. Das 14h às 17h. No IA. Informações (011) 274-4733.

• 14/5. Workshop **Sensíveis Encontros com a Expressão no Plano**. Por Norberto Stori. Das 13h às 16h. No IA. Informações (011) 274-4733.

• 15/5 a 4/6. Exposição de **Esculturas** dos Alunos do IA, coordenada por Lalada Dalglish. Aberto ao público durante todo o dia. No IA. Informações (011) 274-4733.

• 20/5. Ciclo de Palestras **Melhoria da Qualidade de Vida**. O tema deste mês é "Como está sua saúde e o que você pode fazer por ela?". Por Roberto Nunes Dias. Horário a definir. Informações (011) 274-4733.

• O **Studio PanAroma de Música Electroacústica** da UNESP e das Faculdades Santa Marcelina (FASM) promove em maio os eventos: dia 10, concerto Panorama da Música de Vanguarda 15, com percussão de Joaquim Abreu; dia 22, uma conferência e o concerto Panorama da Música de Vanguarda 16, com obras electroacústicas de Léo Kupper. Às 20h. Na FASM. Informações (011) 241-2401.



Arquivo
CLÍNICA Faculdade de Odontologia: entre as cinco melhores

A vez dos estudantes

Jornada festeja aniversário em Araçatuba

Realizada desde 1981 pela Faculdade de Odontologia (FO), a Jornada Acadêmica de Araçatuba "José Olívio Victor" chega à sua 17ª edição, entre os dias 22 e 24 de maio, como parte importante do calendário das comemorações dos 40 anos da faculdade. "Nosso objetivo inicial era estimular nossos alunos a apresentar trabalhos de interesse clínico e, ao mesmo tempo, comemorar o aniversário da faculdade", lembra o criador da jornada, Antonio Cesar Perri de Carvalho, docente do Departamento de Diagnóstico e Cirurgia, que, juntamente com o Diretor Acadêmico "Prof. Carlos Aldrovandi", organiza o evento. "Hoje, abrimos a participação para todos os estudantes de Odontologia do País."

Durante os três dias da jornada, serão apresentados cerca de 200 trabalhos, oralmente ou por painéis. Paralelamente, acontecerá um curso de

atualização em **Terapêuticas Clínicas Integradas**, a cargo de antigos alunos da faculdade. Está agendado também o 1º Encontro dos Ex-Alunos do Curso de Pós-Graduação em Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial, que está completando 20 anos de existência.

Criada em 1957 como Faculdade de Farmácia e Odontologia de Araçatuba, a FO foi encampada pela UNESP em 1976 e incorporou o curso de Medicina Veterinária em 1990. Ao completar quatro décadas de existência, encontra-se muito bem situada no cenário nacional. "As pesquisas sempre nos colocam entre as cinco melhores faculdades de Odontologia do País", ressalta Perri de Carvalho.

Inscrições e outras informações sobre a jornada, que acontecerá no auditório do Senac de Araçatuba, podem ser obtidas pelo telefone (018) 624-5555, ramal 237.

Esses tais de fractais

Área multidisciplinar mostra uma natureza diferente

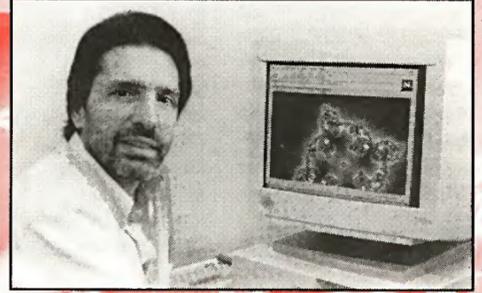
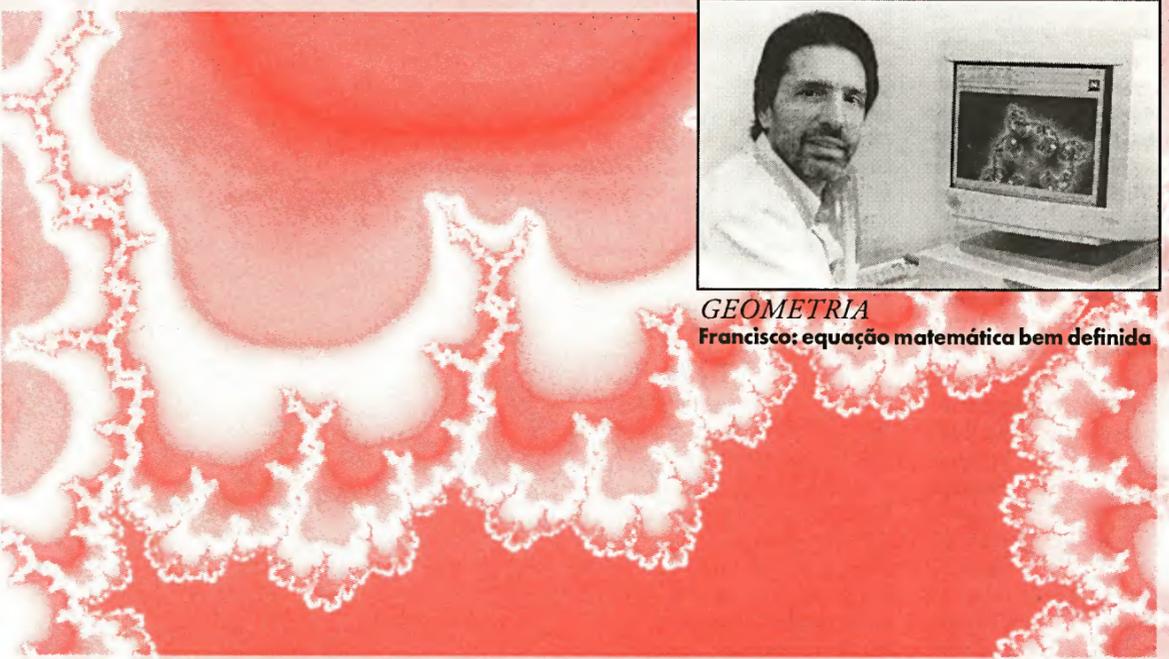
O que há em comum entre as ramificações dos brônquios, o traçado dos rios que formam uma bacia hidrográfica, a forma de uma cadeia de montanhas e a penetração de óleo em rochas porosas? Aparentemente nada. Todos esses casos, porém, apresentam formas geométricas caracterizadas por modelos básicos que são repetidos mesmo em escalas muito pequenas. É o universo dos fractais e dos atratores, uma nova e rica área interdisciplinar que proporciona uma maneira diferente de enxergar a natureza.

O termo "fractal", utilizado pela primeira vez pelo matemático polonês Benoit Mandelbrot, em 1967, tornou-se um modismo científico na década de 90. Originário do adjetivo latino *fractus* e do verbo *frangere* (quebrar, fraturar), o vocábulo se popularizou depois que o polonês publicou, em 1982, o livro *The Fractals Geometry of Nature*. A palavra passou então a caracterizar as formas irregulares e as novas geometrias por ele descobertas, seja na geologia, na turbulência de fluidos ou no mercado financeiro.

CURSO

Na UNESP, o tema foi estudado no Curso de Extensão Universitária "Introdução às Teorias do Caos e dos Fractais", realizado entre 3 e 7 de fevereiro último, no Instituto de Biociências (IB) do câmpus de Botucatu. Coordenado pelos físicos Ivan Amaral Guerrini e Anselmo José Spadotto, professores do Departamento de Física e Biofísica do instituto, o evento contou com 30 participantes. "O estudo dos fractais está em expansão. Alunos, médicos e outros profissionais desejavam mais conhecimentos sobre os fractais e suas aplicações", relata Guerrini, idealizador do Laboratório de Caos e Fractais no instituto (veja quadro), onde estuda principalmente os vínculos entre os fractais e fluxo de água no solo.

Guerrini explica a diferença entre a geometria tradicional, também chamada euclidiana, e a fractal. A do grego Euclides, comumente ensinada nas escolas, apresenta dimensões bem definidas e quantificadas para a natureza. Ou seja: um ponto tem dimensão 0; uma linha reta, dimensão



GEOMETRIA
Francisco: equação matemática bem definida

Monica Richter

Laboratório-modelo



Guerrini: fractais na medicina

Realizado pelo físico Ivan Amaral Guerrini, do IB, em Botucatu, o Laboratório de Caos e Fractais existe há pouco mais de dois anos. No início, surgiu para estudar o movimento fractal das águas no solo, tema do pós-doutoramento do docente. Mas logo o laboratório passou a receber um número cada vez maior de estudantes. "Hoje são cerca de 12 alunos, que estudam,

entre outros temas, articulação de raízes, estruturas de material poroso e aplicações dos fractais em áreas médicas", orgulha-se Guerrini. Segundo ele, o câmpus de Botucatu está, com o auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), tomando-se um dos principais centros nacionais no que diz respeito à bibliografia sobre fractais e suas conexões com as mais diversas áreas. Quem busca obras mais específicas pode recorrer ao Instituto de Física Teórica (IFT), em São Paulo. De acordo com seu diretor, José Geraldo Pereira, lá podem ser encontrados livros muito atualizados, mas não de divulgação para o grande público. "Como mantemos apenas cursos de pós-graduação, adquirimos apenas obras de nível elevado", explica.

1; um plano, dimensão 2; e um volume, dimensão 3. "A geometria fractal, por sua vez, mostra infinitas possibilidades, com as dimensões podendo apresentar números quebrados, o que permite um ajuste bem melhor às condições naturais", explica. Um material poroso, por exem-

plo, levando em conta os vazios, entrâncias e rugosidades, tem uma dimensão fractal entre 2 e 3, tão ampla quanto a quantidade de números reais fracionários. "Dessa maneira, fica mais fácil explicar a natureza e, assim, nossos modelos se aproximam mais do real", entusiasma-se.

Durante um seminário sobre os princípios básicos dos fractais, realizado em novembro de 1993, em Cincinnati (EUA), o físico brasileiro teve a oportunidade de conversar com Mandelbrot, conhecido no meio científico internacional como o pai dos fractais. "Tive a alegria de ouvir do próprio Mandelbrot que os resultados de minhas análises de fluxo de água no solo mostravam grande concordância com dados de fluxo de óleo em rochas já publicados e identificados com movimentos fractais", lembra.

RAMIFICAÇÕES

O grande salto de Mandelbrot foi perceber a possibilidade de usar os fractais para resolver complexos problemas matemáticos, dando-lhes uma forma geométrica. "Existe uma equação matemática bem definida e determinística que gera cada estrutura fractal por mais complexo, caótico e com grande número de órbitas e probabilidades que ela contenha", ressalta Gerson Francisco, professor do Instituto de Física Teórica (IFT), unidade complementar da UNESP, em São Paulo. Portanto, as células, as entranhas e o metabolismo dos seres vivos, o crescimento dos vegetais e o solo não são desorganizados como parecem. Há neles uma organização fractal.

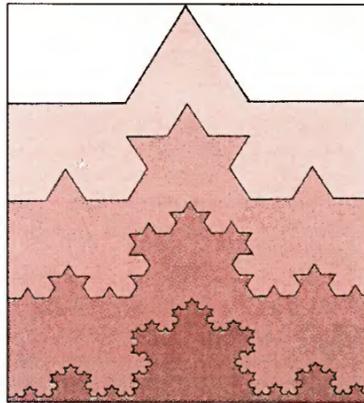
Os fractais têm ramificações dentro da teoria do caos, da metafísica, da sociologia, da filosofia e da religião. É o caso do Efeito Borboleta, princípio pelo qual pequenas alterações em sistemas dinâmicos podem provocar comportamentos totalmente diversos com o passar do tempo. Um exemplo são as pesquisas de opinião. "Podem ser vistas como um sistema dinâmico extremamente sensível às condições iniciais. Qualquer fato pequeno pode redundar numa brutal mudança de opinião pública", avisa Guerrini. Fenômeno semelhante acontece com as previsões meteorológicas. "Elas não valem para períodos extremamente longos porque mínimas imprecisões nos dados estabelecidos nas condições iniciais geram divergências exponenciais ao longo do tempo", raciocina Francisco, convicto de que fractais e atratores (veja quadro), junto com a inteligência artificial, são novas maneiras de o ser humano ver o mundo que o cerca.

Oscar D'Ambrosio

Estranhos atratores

Árvores apresentam um padrão fractal. Basta constatar como o tronco se divide em galhos que se subdividem em partes menores, que originam ramos. Cada estágio da divisão é uma versão menor do original. "Nas figueiras, vamos sempre encontrar figos ou precursores de figos, mesmo quando analisamos a árvore em escala microscópica", esclarece Guerrini.

"Fractal é uma estrutura que se reproduz em escalas arbitrariamente pequenas. Aplicá-la na natureza permite uma aproximação bem melhor que a da geometria tradicional, pois torna-se possível visualizar a estrutura até o infinito", define Gerson Francisco. Porém, falar em fractais implica na compreensão da função dos atratores. Estes são os pontos de convergência para os quais órbitas complexas se dirigem. Sua prin-



Primeiros estágios da construção do fractal chamado Curva de Koch

cipal característica é serem indecomponíveis, ou seja, não podem ser partidos em pedaços. Há diversos tipos de atratores, sendo que os mais interes-

santes sob o ponto de vista da física teórica são os chamados estranhos, justamente por serem caóticos e fractais simultaneamente.

Para Gerson Francisco, a natureza fractal é a que melhor descreve os fenômenos físicos não regulares. "O fractal é uma maneira de descrever uma figura complexa. Isso permite trabalhar com compressão de dados, uma área em expansão", explica. Fenômenos não-lineares, como crescimentos populacionais, movimento de massas de ar e crescimento de colônias de microorganismos, também podem se valer dos fractais. "A não-linearidade dos fenômenos naturais é uma porta de entrada ao mundo dos fractais e dá origem, de um lado, à controvérsia entre determinismo e possibilidade, e, de outro, a caos e imprevisibilidade", aponta Ivan Amaral Guerrini.